

DELTA NOONAS

AMOR E VOZ

HISTÓRIAS DE ARMYS BRASILEIRAS



Vocês sabem de uma coisa? Brasil e Coréia tem exatamente 12 horas de diferença. Nós, moramos do outro lado do mundo. Quando é 4 horas da manhã para a gente, para vocês é 4 horas da tarde e 10 horas da noite para vocês, são 10 horas da manhã para gente. Um dia é formado por dia e noite. Na Coréia, eu vou sempre lembrar do horário de vocês. Vocês que estão do outro lado do mundo são a prova que o BTS está fazendo um bom trabalho. Eu estava com muita saudade de vocês e gosto muito de vocês. Obrigado por ter iluminado tanto a gente. Celulares com luzes.

Kim Namjoon

DELTA NOONAS

AMOR E VOZ

HISTÓRIAS DE ARMY'S BRASILEIRAS

Copyright © 2021 por Delta Noonas.

Esta publicação não pode ser reproduzida sem
autorização prévia da Delta Noonas.

Para solicitações, escreva para
deltanoonas@gmail.com.br com o assunto
“Livro Amor e Voz”.

Organização: Gabriela Reis

Revisão: Priscila Rinco e Thais Duarte

Capa e diagramação: Gabriela Campello

twitter.com/deltanoonas

AVISO

Este livro é gratuito e foi produzido de forma voluntária.

Sua venda é proibida.

Os depoimentos foram recolhidos a partir do preenchimento de um formulário online pelas próprias depoentes, que concordaram com a divulgação.

ALERTA DE GATILHO:

Alguns depoimentos mencionam tentativas de suicídio e relacionamentos abusivos. Pode não ser adequado a todos os tipos de pessoas.

Este livro é dedicado à

Kim Namjoon,

Kim Seokjin,

Min Yoongi,

Jung Hoseok,

Park Jimin,

Kim Taehyung,

Jeon Jungkook

e

ao *ARMY* de todo o mundo.

ÍNDICE

Introdução

página 7

O melhor de mim

página 11

Depoimentos

página 16

A vida continua

página 126

Sobre o Projeto

página 133

Agradecimentos

página 136



INTRODUÇÃO

Em discurso proferido no dia 24 de setembro de 2018, na 73ª Assembleia das Nações Unidas, em Nova York, Namjoon dividiu conosco um pouco de sua história. Um menino nascido em Ilsan, na Coreia do Sul, que teve uma infância feliz e que gostava de imaginar ser um super-herói. Este menino se perdeu de si mesmo quando começou a crescer e a se preocupar com o que os outros pensavam a seu respeito. Tomado por estas opiniões, ele calou a sua própria voz.

*EU SONHAVA COM UM HERÓI COMO O SUPER-HOMEM
ENTÃO EU PULAVA POR AÍ, QUICANDO ATÉ O CÉU
NÃO TINHA MEDO DE RALAR OS JOELHOS
ERA MINHA INOCENTE IMAGINAÇÃO INFANTIL*

ANPANMAN

Namjoon conta que foi ao ouvir o chamado da música que ele começou a redescobrir a si mesmo e a construir seu amor próprio.

Pautados na ideia de que o amor verdadeiro começa com o amor próprio, em novembro de 2017, o BTS lançou a campanha *Love Myself*, com a UNICEF. O projeto teve como objetivo combater a violência contra crianças e jovens. O menino que imaginava ser um super-herói cresceu e descobriu seu superpoder: o alcance global de sua voz.

Neste discurso de 2018, como porta-voz do grupo naquele momento, o líder do BTS também mencionou como, após os lançamentos dos álbuns *Love Yourself*, eles começaram a ouvir relatos de fãs sobre como as mensagens do BTS os ajudaram a encontrar seu amor próprio e enfrentar dificuldades. Este discurso do Namjoon na ONU é um convite para falarmos: *“Não importa quem você seja, de onde você é, a cor da sua pele, sua identidade de gênero, apenas fale.”*

Em 2020, discursando novamente na ONU, desta vez por um vídeo à distância devido ao contexto da pandemia, Namjoon mencionou o convite feito em 2018. Ele disse: *“Há dois anos eu pedi para ouvir o seu nome e a sua voz”*. O COVID-19 fez necessário o cancelamento da turnê mundial de *MAP OF THE SOUL:7*. Os planos adiados e o inédito desafio pegou a todos de surpresa. Hoseok lembrou da imprevisibilidade da vida: *“Nós não temos todas as respostas”*.

A ocasião deste mais recente discurso podia ser nova, mas a forma de encontrar forças para enfrentar as dificuldades continuava a mesma: *love yourself*,

Speak Yourself. Segundo Jin, a mensagem do BTS é sobre encorajar a si mesmo e ser feliz. E ela também está presente em músicas como *Dynamite*: “*Eu sou um diamante, você sabe que eu brilho*”.

Durante esse momento de necessário isolamento social, os meninos começaram a produzir seu novo álbum, *BE*. Cientes de que agora, talvez mais do que nunca, sua arte podia incentivar as pessoas a seguir em frente, o BTS escolheu nos lembrar que *a vida continua*. E o que também continuaria seriam suas mensagens de incentivo. Jungkook disse que se a voz do BTS era capaz de dar força às pessoas, então era isso que eles continuariam a fazer.

Em outro discurso feito em 2020, no *Dear Class of 2020*, Jimin fala que estamos vivendo um momento de incerteza, em que nada sai como o planejado. E nos conforta: “*Eu espero que vocês nunca desistam. Lembrem-se de que há alguém aqui na Coreia, na cidade de Seul, que entende vocês*”.

Devido ao COVID-19, o aperto de mão se tornou perigoso e os abraços estão guardados para um futuro seguro. Para enfrentar a solidão e o medo do presente, Yoongi nos fala de sonhos e possibilidades: “*Uma pessoa pequena pode ter um sonho enorme, pintar um quadro gigante e realizar infinitas possibilidades. No futuro, quero ver seus sonhos, quadros e infinitas possibilidades*”.

Segundo Namjoon, este momento de medo do futuro é um momento de percepção do que nos faz ser quem somos. Sabe... Talvez nós nunca tenhamos todas as respostas para a pergunta "*Quem sou eu?*". Mas o que importa é que nós temos uma delas: *Eu sou uma pessoa que não desiste*. Afinal, como diria Taehyung: "*Se eu desistir aqui, então não sou a estrela da minha vida*".

O MELHOR DE MIM

A nossa sociedade divide as coisas entre “coisas de homem/coisas de menino” e “coisas de mulher/coisas de menina”. E após dividir, define que as coisas classificadas como “coisas de mulher” são inferiores.

O tal “universo feminino” é visto como um universo de futilidades. Desse modo, como o público consumidor de *boy groups* é, em sua maioria, feminino, a sociedade considera um *boy group* como algo fútil, que não acrescenta à cultura. Mais do que isso: o público que mais consome a música pop produzida por *boy groups* é também majoritariamente adolescente. E o universo adolescente feminino é frequentemente alvo de chacota.

É coisa de menininha!

Quem já ouviu essa frase ou outras parecidas? O problema dessas pessoas é que elas classificam algo

como ruim usando o argumento de que o público consumidor são meninas adolescentes.

Além disso, música *pop* é cultura de massa, o que significa que é consumida pela grande massa. Em uma sociedade que hierarquiza tudo, e classifica o que é “bom gosto” como algo de difícil acesso, o que a massa gosta não pode ser considerado de qualidade. Com esse pensamento, é desmerecida a capacidade crítica dos fãs de *boy groups*.

Existe um outro problema nisso tudo. Com um público composto por tantas mulheres na fase da adolescência, alguns de nós acabam invisibilizados dentro do *fandom*: homens (de qualquer faixa etária) e mulheres adultas.

O *ARMY* é formado por pessoas de diversos lugares, crenças, cores e idades. Essa diversidade é o que faz do *fandom* um grupo com potencial para aprender com as diferenças.

Nós, que nos propomos a produzir este livro, somos mulheres com mais de trinta anos de idade. Sabemos o quanto uma mulher pode se sentir sozinha e desvalorizada na adolescência e sabemos o quanto uma mulher adulta também é cobrada e vigiada em relação aos seus gostos e comportamentos. Afinal, diversas vezes sofremos preconceito simplesmente por sermos adultas e fãs de BTS.

Talvez, essas pessoas que tentam encaixar os outros dentro de caixas com formatos pré-determinados, só estejam tentando encontrar alguma lógica em meio ao caos do mundo. A falta de sentido pode ser angustiante. Mas é inevitável. Existem momentos em que tudo perde o sentido. E não é na lógica que encontramos forças para continuar, mas na arte.

A arte é o canal de comunicação do nosso mundo interior com o mundo exterior. Ela nos vira do avesso e expõe, através da música, da pintura, da escrita, da atuação, da dança e de tantas outras formas de expressão, a nossa verdade.

Nos mostrar como verdadeiramente somos pode ser assustador, mas é também liberdade e encontro. O encontro de si mesmo e o encontro do outro. A gente morre de medo de se mostrar ao mundo, mas adivinha? Quando nos expressamos com sinceridade, o outro se enxerga na gente. Por isso alguém pode compor uma música sobre uma experiência pessoal e milhares de pessoas ao redor do mundo se identificarem com a mensagem.

O poder da música é tocar várias pessoas e, ainda assim, falar com cada uma delas de modo único. O BTS mobiliza multidões. Uma multidão pode ser uma massa indistinta de pessoas, mas quando pensamos que cada pessoa nessa multidão tem um nome, uma idade, vem de um determinado local e carrega uma

história, nós humanizamos os encontros gerados pela música.

Através da música daqueles que chamamos carinhosamente de “nossos meninos” nós aprendemos a cuidar melhor de nós mesmas e a nos aceitar como somos. Passamos por situações difíceis como a perda de um ente querido, a sensação de que é tarde demais para recomeçar, a vontade de desistir da vida e a descoberta da depressão. Também vivemos momentos felizes como ter coragem para começar uma nova graduação ou ter uma relação de proximidade com a filha ao dividir o gosto pelas mesmas músicas.

Um show é a manifestação *in loco* de tudo isso. É a explosão de múltiplas vivências. Quando cantamos juntos a mesma música, o eco de nossas vozes se torna uma mesma vibração. A energia dessa vibração é poderosa.

Aqueles que tiveram a oportunidade de ir a um show do BTS sabem que saímos do local tão felizes que nos sentimos capazes de voar. É como se nós, fãs, saíssemos do estádio flutuando, ainda envolvidos pela troca de energia que acabou de acontecer. E é isso que esperamos que o BTS também sinta após os shows: que eles são capazes de voar. É nessa relação entre artista e fã que acreditamos. Quando um consegue trazer o melhor do outro e quando, juntos, nos sentimos incríveis. *You got the best of me.*

Agora, devido à pandemia, não estamos podendo nos encontrar em um show. Então, decidimos nos encontrar aqui, neste livro. Em uma época em que precisamos manter um afastamento físico, nós acreditamos que trocar histórias é a forma mais eficaz de aproximação. De encontro. Mas neste show, as coisas se invertem. Nós pedimos licença ao BTS para virar o holofote. Agora, a luz está em nós.

DEPOIMENTOS



*Eu não te direi clichês como “Seja forte”
Eu vou te contar a minha história*

Magic Shop

A HISTÓRIA DA TATHIANNE

TATHIANNE DIAS, 35 ANOS, PARANÁ

Eu já tinha descartado a ideia de enviar um depoimento para o livro. O motivo? Mesmo sabendo o quanto o BTS é importante pra mim, eu não achava que eu tivesse alguma história que valia a pena ser contada ou que as pessoas fossem achar interessante ouvir.

O BTS entrou na minha vida em um dia comum, enquanto eu fazia atividades rotineiras. Foi assim: em 2019, o BTS estava em turnê e viria fazer um show no Brasil. Eu comecei a ver noticiários mencionando o show e notei a enorme euforia por eles. Isso me gerou a curiosidade: *afinal, quem são eles?* Resolvi pesquisar e a primeira coisa que vi foi o MV de *Boy With Luv*, que era uma música que eu já ouvia nas rádios. Assistir ao vídeo fez toda a diferença: as cores, as danças e aqueles jovens rapazes encantadores trouxeram uma energia especial para aquela já conhecida música. Então, eu continuei pesquisando. Conheci a história deles e o quanto eles eram especiais.

Uma coisa ficou muito nítida logo no início: era um universo totalmente diferente do que eu estava

acostumada. Eu acho que nunca tinha escutado músicas na língua coreana. E eu jamais pensei que, depois de adulta, iria gostar tanto de um grupo de k-pop, mas foi um encontro muito feliz. O BTS me ensinou a estar aberta ao novo, porque conhecê-los trouxe mais alegria para os meus dias. Eu não estava procurando por isso e nem achava que precisava, mas eles chegaram e mostraram na prática que tudo podia ser mais alegre. Foi assim que me tornei ARMY.

Um dia, ainda em 2019, eu estava no *Weverse*, e vi uma postagem de uma mulher, que perguntava se alguém ali também era ARMY adulta e eu respondi. Começamos a conversar por ali e logo trocamos nossos contatos e passamos a nos falar por outros meios e redes sociais. Ficamos amigas. Trocamos cartas, presentes, desabafos e confissões.

Em abril de 2020 (ano passado), eu estava me sentindo um pouco triste e sozinha. Foi quando resolvi criar uma página no Twitter com a intenção de encontrar ARMYS com mais de trinta anos, como eu. Criei a página e aos poucos foram aparecendo pessoas. Nos tornamos um grupo e eu fui ficando cada vez mais à vontade com aquelas mulheres. Chamei aquela minha amiga ARMY, que conheci no *Weverse*, para participar. Ela, que também andava desanimada, recusou num primeiro momento, mas depois de eu insistir um pouco, ela topou e apareceu com a ideia de recolher relatos de histórias de vida dessas ARMYS

adultas. A ideia amadureceu e se tornou um projeto de livro. Este livro.

Eu gostei muito da ideia, apoiei, ajudei a divulgar. Mas, mesmo com ela pedindo frequentemente, eu nunca mandava o meu depoimento. *"Eu não tenho nada pra contar"*, eu dizia. Quando o livro estava quase pronto, ela me mostrou que tinham depoimentos de amigas nossas agradecendo terem encontrado amigas ARMYS através da página que eu criei. Ela disse que ela mesma só levou adiante o projeto do livro porque eu acreditei nele e incentivei.

A última vez em que ela pediu para enviar meu depoimento, nós estávamos em uma conversa online, em grupo. Ali estavam também outras amigas: as que enviaram depoimentos, a que se dispôs a fazer a capa do livro, as que se prontificaram a revisar o texto, a que ofereceu passá-lo para o inglês. Se um dia eu estava triste e criei uma conta no *Twitter* com o objetivo de fazer amigas ARMYS da minha idade, agora elas estavam ali, juntas, tornando real, de forma voluntária, esse projeto.

E só chegamos até aqui porque num dia comum, enquanto eu fazia atividades rotineiras, o BTS entrou na minha vida.

A HISTÓRIA DA DAIANE

DAIANE MOREIRA, 30 ANOS, SÃO PAULO

Meu nome é Daiane, tudo bem? Eu tenho 30 anos, e vou tentar passar como os meninos mudaram a minha vida e a minha história.

Eu vivia em um relacionamento abusivo, onde sofria violência física, psicológica e econômica. Foram 13 anos vivendo uma relação da qual eu queria sair, mas simplesmente não conseguia. Até que em 2018, realmente cansada de tanto sofrimento, eu decidi me separar. Eu sabia que iria ser difícil, porque parecia que aquele homem era o amor da minha vida e eu não conseguiria viver sem ele. Mas pensei: “eu preciso tentar, uma vez na vida eu preciso ser prioridade para mim mesma, uma vez na vida eu preciso me amar mais do que a ele”. E assim eu fiz. Terminei a relação e saí de casa. Foi assim que começou a fase mais difícil da minha vida: tentar viver sem a pessoa que até então eu mais amava.

Os dias foram passando. Entrei em depressão. Chorava todos os dias e todas as noites. Emagreci a ponto dos meus ossos aparecerem sob a pele. Tentei por diversas vezes pôr um fim em tudo aquilo, eu

literalmente quase morri. Eu tentava me entender, tentando explicar para mim mesma, como eu podia amar tanto e sentir tanta falta de uma pessoa que só me trazia prejuízos na vida. Até hoje, não sei a resposta.

Durante meu casamento eu tive contato com o BTS por causa das minhas sobrinhas. Eu ouvi, gostei e não dei mais atenção. No dia 23 de maio de 2019, eu tive um princípio de AVC. Apenas com 29 anos, meu corpo começou a formigar e ficou todo atrofiado. Eu lembro que enquanto a ambulância corria, eu só pensava em uma coisa: “Meu Deus, me ajuda. Sábado eu tenho que levar minhas sobrinhas ao show do BTS”. Minhas sobrinhas são tudo para mim.

No hospital, o médico conversou comigo e eu acabei contando como foram meus últimos meses. O médico me disse: “Se você quer viver, você precisa se reerguer”.

Chegou o grande dia. Dia 25 de maio, eu levantei diferente, mesmo com o corpo todo roxo e dolorido por causa do atrofiamento de dois dias antes. Eu levantei sorrindo, feliz, com esperança. Não entendi o que estava acontecendo, mas mesmo assim eu agradei.

Cheguei no *Allianz Parque*, e comprei uma bandeira da *tour*, que me envolveu o dia todo. Eu e minhas sobrinhas percebemos que foi naquele momento que eu me tornei *ARMY*. Foi o primeiro dia, depois de anos, em que sorri. Durante o show, eu dancei, pulei e cantei (tentei cantar, né?). Chorei quando tocou *Epiphany*. Eu

não entendia uma palavra do que o Jin estava cantando, mas a minha alma parecia entender. Parece que ouvi Deus me falar: "Você vai conseguir".

No dia seguinte, fui atrás da tradução dessa música e desabei de chorar. É isso! Eu sou quem eu deveria amar.

Em seguida, apareceu como sugestão a música *Answer: Love Myself* e eu entendi: as minhas cicatrizes foram formadas pelos meus erros, mas eu precisava me esforçar pra me amar e ficar bem. E fiquei!

Eu passei a sentir uma vontade imensa de viver e ser feliz sozinha. Com a ajuda dos meninos, eu voltei a cantar, a dançar sozinha na sala, a gargalhar sozinha no quarto e a ter pensamentos positivos. Consegui deixar as dores para trás e me senti viva novamente.

Ao meu redor, tem inúmeras pessoas que me julgam por eu ser *ARMY* e ter 30 anos. Confesso que no início eu também me julguei, mas hoje eu penso: "É sério que me julgam por eu ser feliz?".

A HISTÓRIA DA TICIANA

TICIANA ROQUE, 40 ANOS, PERNAMBUCO

Conheci o BTS em 2016, no segundo semestre. Não sei o mês ao certo, mas acho que foi setembro. Eu havia começado a assistir dramas e, por coincidência, minha filha do meio, que tem 15 anos, estava bastante eufórica com alguns grupos coreanos. O engraçado é que foi tudo ao mesmo tempo. Li em algum lugar sobre o Taehyung, que iria estreitar em *Hwarang*, meu tipo favorito de drama. Fiquei curiosa e fui procurar saber quem era ele.

Minhas filhas já eram bem informadas sobre *k-pop*, então meio que naturalmente a gente cruzou informações. Eu ficava cada vez mais interessada, já que eu e minha filha do meio não tínhamos muitas coisas em comum. Ela me mostrou o *MV* de *Blood Sweat & Tears* e me explicou bastante coisa sobre a cultura coreana e a indústria musical. *Save Me* foi o segundo *MV* ao qual dei atenção e a partir daí me apaixonei pelos meninos, mas foi com uma versão acústica de *Let Me Know* que percebi como eles eram realmente bons.

Minha rotina mudou. Todos os dias, ao chegar do trabalho, passei a me reunir com minhas filhas e assistir aos vídeos e *MVs* do BTS. Passamos horas

juntas, rindo com as doideiras deles e conversando sobre eles. Momentos maravilhosos que divido com as minhas filhas.

Em 2017, não conseguimos os ingressos para os shows da *Wings Tour*. Fiquei super triste porque não fazia ideia do quão concorridos eram, mas conseguimos ir ao show de 2019. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Me diverti demais com minhas filhas. Segui o conselho do Yoongi: deixei o celular na mochila e pulei, dancei, cantei, chorei e sorri como há muito não fazia.

O BTS me proporcionou uma nova conexão com as minhas filhas. Além disso, conheci muita gente maravilhosa no show e no mundo virtual. Faço parte de um grupo de *noonas* no *Whatsapp* que é fantástico. A gente fala de tudo um pouco e até nos encontramos pessoalmente, embora nem todas tenham conseguido ir, já que tem gente do Brasil inteiro. Algumas amizades virtuais se tornaram presenciais.

Os meninos só trouxeram coisas boas para a minha vida... E nem mencionei as mensagens que eles propagam, o quanto eu os admiro por quem eles são como pessoas, além de artistas completos e talentosíssimos, o quão orgulhosa fiquei sobre a ONU, a UNICEF e a cada notícia boa sobre eles. Daqui do meu cantinho, continuo feliz com tudo o que eles nos oferecem, confortada por suas músicas e suas vozes,

delta noonas

animada e eufórica a cada performance e torcendo para que eles alcancem todos os sonhos, curtam cada conquista, amem e sejam amados, que tenham vidas longas, saudáveis e felizes.

A HISTÓRIA DA CAROLINA

CAROLINA KRZESINSKI, 42 ANOS, PARANÁ.

Como uma pessoa que quase se matou descreveria o que a salvou? Como descrever a corda jogada no poço? É assim que me sinto em relação ao BTS.

Nunca fui uma pessoa alegre, ativa ou animada. Sou daquelas que já nasceram deprimidas. Quando você não conhece o outro lado, é como se fosse o seu normal, um dia como outro qualquer.

Até que eu vi os meninos do Bangtan, em 2019. Senti euforia e meu coração quase explodiu. Algo que eu nunca havia sentido antes. Aos poucos, fui conhecendo cada um deles e suas personalidades cativantes.

Um dia, quando a dor de viver estava insuportável, eu decidi dar um fim em tudo. Fui até a gaveta da cozinha e peguei a faca mais afiada. Eu ia pôr um fim ali mesmo. Mas algo me disse para escutar as músicas do BTS, ver os vídeos, os episódios de *Run BTS!*... Então, eu fui. E a dor e o desespero foram passando.

A depressão nunca me abandonou e eu ainda tenho momentos em que quero desistir de tudo. Sempre que

delta noonas

estou deprimida, procuro ver os meninos. Até os vídeos mais bobos deles conseguem me tirar das sombras. Por isso eu os amo e desejo com todo o meu coração que o Universo conspire sempre a favor deles.

A HISTÓRIA DA FERNANDA

FERNANDA CHECCHETTI, 38 ANOS, SÃO PAULO

Tenho uma filha de 16 anos e ela acompanha o BTS desde o *debut*. Sempre ouvi falar deles aqui em casa, mas nunca prestava realmente atenção. Em setembro de 2015, minha filha precisou passar por uma cirurgia de emergência que durou mais de 5 horas. Ela quase morreu na mesa de cirurgia e perdeu um órgão. Saindo do centro cirúrgico, ela foi direto para a UTI.

Mesmo lá na UTI, minha filha pedia para ouvir as músicas do BTS no celular. Ela dizia que as músicas deles estavam lhe passando força e que davam a ela vontade de lutar e sair do hospital. Após uma semana na UTI, ela passou mais uma semana no quarto comum e continuava ouvindo as músicas. Ela teve alta cerca de 15 dias após a cirurgia.

Após a alta, ela emagreceu mais de 20 quilos. Não queria se olhar no espelho, não se reconhecia e odiava a imagem refletida. Mas, então, o BTS veio com *Love Yourself*. Minha filha usou muito o discurso de *Love Yourself* para se aceitar. Eles a salvaram mais uma vez.

Foi através da minha filha que eu me tornei uma fã dos meninos. No início, eu só sabia reconhecer o Jimin e o Namjoon, a quem eu chamava de *“o menino que fala inglês”*.

Em 2019, na época dos shows do BTS aqui no Brasil, minha filha me pediu para salvar fotos e vídeos deles no período em que ela estivesse na escola. Eu disse que tudo bem. Passei os dias salvando fotos e vídeos. Quando vi os vídeos do dia do show, percebi que eles eram especiais. A partir de então, eu comecei a pesquisar sobre eles e a cada dia eles me cativavam mais. De lá pra cá, me considero *ARMY*.

A HISTÓRIA DA ANA PAULA

ANA PAULA, 37 ANOS, RIO DE JANEIRO.

Em junho de 2020, fiz um ano de fandom, um ano que virei Army. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Por isso eu resolvi escrever para vocês e contar como acabei me apaixonado por esses sete anjos. Quando digo que eles literalmente salvaram a minha vida, não é mentira. Vocês vão entender. Sabe quando você ama algo e mesmo que tente, você não consegue entender de onde vem tanto amor? Foi assim que aconteceu comigo em relação ao BTS. Admito que nunca me imaginei gostando de um grupo de K-Pop. Na verdade, minha filha de 15 anos que é fã deles, e eu não conseguia entender o motivo. Sempre ouvia falar deles, mas nunca tinha tido curiosidade em conhecer. Eu achava que era coisa de meninas e não de uma mulher adulta.

Lembro da primeira vez que ouvi falar deles. Uma certa vez, a uns 6 anos atrás, minha filha e minha ex-cunhada, que é fã deles desde o *debut*, me mostraram uma foto onde eles estavam e me perguntaram qual deles eu achava mais bonito. Ao olhar bem, dois me chamaram a atenção: o Yoongi e o Jimin. Claro que eu, hoje em dia, amo todos da mesma forma, os acho

lindos, talentosos e muito especiais, mas o Yoongi, o Jimin e o Jungkook acabaram por mexer comigo de uma forma especial.

Bom... Mesmo me sentindo envergonhada vou compartilhar com vocês a minha experiência e contar como eu acabei me apaixonando por esses anjos. Eu sou uma mulher de 36 anos, mãe de duas meninas, uma de 15 e outra de 11 anos. Sou mãe solteira, moro no Rio de Janeiro, e sempre fui fã de HipHop e Rock and roll. Por isso, eu nunca me imaginei fã de um grupo como o BTS. Mas depois de conhecer melhor os seus trabalhos, as suas histórias de vida e suas lutas, principalmente contra o preconceito e o *bullying*, eu me encantei por eles e hoje eu sou apaixonada por tudo que fazem – suas músicas, letras e o modo como lutam contra o que é ruim e tóxico.

No momento em que escrevo esse relato, sou fã deles há 1 ano e 3 meses. Não é tanto tempo assim, mas me sinto tão conectada a eles que sou mais fã até que minha filha. Entrei em contas de aplicativos que eu nem sabia que existiam só para estar de alguma forma ao lado deles. Eles entraram na minha vida exatamente no dia 8 de junho de 2019. Sim, eu gravei a data pois foi o dia em que eles salvaram a minha vida. Nesse dia eu estava me sentindo muito mal, triste e solitária. Estava em casa sozinha e sentia uma dor muito forte, mas não entendia o motivo da minha tristeza e eu já estava há algum tempo me sentindo assim... Não queria sair de

casa, nem mesmo pra trabalhar. Até pra levantar da cama era um sacrifício. E eu não entendia o motivo pelo qual aquela tristeza e aquela dor só aumentavam. Eu não entendia. Estava em casa sozinha, minhas filhas tinham ido para casa da avó. Eu estava com os olhos inchados de tanto chorar. Não tinha motivos para chorar, mas eu só queria que aquela dor no meu coração parasse, só queria dormir. Dormir e não acordar mais, pois assim não sentiria aquele sofrimento que estava me consumindo. Então, eu resolvi beber, pra ver se assim aquela sensação desagradável diminuía pois eu ficaria tonta e dormiria. Ao menos naquela noite eu não sentiria mais a tristeza e a dor que me consumiam, mas elas só aumentavam e eu já não aguentava mais... Peguei a caixa onde guardo todos os medicamentos que tenho em casa e tomei todos juntamente com a bebida. Foram mais de 50 comprimidos de diversos tipos. Eu só queria dormir pra me livrar da dor e da angústia que eu sentia naquela hora. Então, depois disso, eu simplesmente deitei na cama e fechei meus olhos, só queria que aquilo tudo terminasse. Naquele exato momento meu celular vibrou e – algo que até hoje não sei explicar – as notificações não paravam e eu cheguei a achar que meu celular estava com bug. Então, eu olhei e era uma notificação do YouTube. Era um vídeo do BTS e eu resolvi clicar pra ver o que era. Foi quando algo aconteceu dentro de mim. Não sei como, mas eu fui tomada por uma alegria tão grande e uma felicidade que há tempos eu não sentia. Só sei que quando vi aqueles sete meninos fazendo o dance

practice de Baepse pareceu que algo que já estava aqui dentro acordou e eu me apaixonei por completo por eles naquele momento... Eu senti algo que até hoje não sei explicar, só sei que senti uma felicidade tão grande, uma vontade de ver mais coisas, e assim o fiz... Na mesma hora me bateu um desespero, eu corri pro banheiro e consegui vomitar todos os comprimidos que havia tomado. Eu senti pela primeira vez depois de um tempo, uma vontade enorme de viver. Me senti bem e viva. Sei que não sou uma adolescente, sei que já tenho uma certa idade, mas o amor não escolhe idade, cor, crença, etnia ou raça. Sei que serei e estou sendo julgada por muitas pessoas, inclusive da minha própria família, mas isso não me importa. Lembram que eu disse que me sentia mal e com aquela tristeza e dor no peito? Graças a eles, os meninos, eu resolvi procurar ajuda. Eu estava com medo daquele sentimento voltar e descobri o motivo. Eu fui diagnosticada com depressão profunda, fobia social, síndrome do pânico e ansiedade. Eu nunca imaginei que poderia ter depressão. Por incrível que pareça, quando estou mal ou em dias ruins, eu simplesmente ouço as suas músicas e tudo que sinto de ruim de alguma forma se alivia. Eles são a única coisa que me faz ter alegria, são como uma válvula de escape. Sei que a minha família não entende o que é a depressão, só quem tem sabe o quanto é ruim e como é difícil conviver com isso. Às vezes me sinto culpada por estar assim. Eu não queria isso pra mim, mas o que posso fazer? Quando me sinto mal por tudo isso, quem me dá forças são eles

e minhas filhas. Às vezes tenho vergonha pela minha idade, mas não mando no meu coração. Eu sei que para muitas pessoas, eu devo parecer uma tola, uma boba, mas tudo bem, eu não me importo. Eu sei que tenho muito para aprender sobre eles e estou fazendo... Eu só queria contar a minha história para vocês e mostrar o quanto eles são importantes na minha vida e o quão bem eles fazem a mim e a muitas outras pessoas. Quantas vidas eles já não salvaram? Inclusive a minha. Só queria mostrar meu amor, minha admiração e respeito por esses anjos que apareceram na minha vida. Se não fosse meu amor por eles e por minhas filhas, eu sinceramente não saberia como passar por tudo isso... De alguma forma, a música, a personalidade e o jeito de cada um me ajudaram e me ajudam muito a enfrentar a depressão, a seguir em frente e não desistir. Mesmo que a minha idade seja avançada ou que as vezes eu me sinta envergonhada ou sem graça por ser mais velha... Eu, Ana, não vou deixar de amá-los. Só quero ser feliz e lutar ao lado deles mesmo que de longe. Gostaria muito que eles soubessem o quanto têm me ajudado e que eu serei grata a eles pelo resto da minha vida. Não me importo com críticas, com pessoas me chamando de maluca ou infantil, pois quando estou em crise ou mal, são eles que estão ao meu lado, eles que me levantam, que me ajudam a ficar de pé. Eu só quis contar como eles me ajudaram, pois eu tenho certeza que a maioria do ARMY tem uma história com eles.

Desculpem qualquer erro, mas enquanto

escrevo estou em lágrimas, tem tantas coisas que eu gostaria de escrever, mas acho melhor parar por aqui. Só queria demonstrar o quão importantes eles são pra mim e o quanto sou grata por me salvarem e estarem em minha vida. Eu nunca poderei retribuir o que fizeram por mim, mas posso amar e admirá-los. Isso provavelmente não vai chegar a eles, mas eu achei que deveria contar a minha história. Para mostrar que, sim, o BTS salva muitas vidas. Eu fui uma dessas vidas, eu os amo e sempre estarei ao lado deles mesmo que de longe, dando meu amor e apoio. Nunca vou conseguir expressar o quanto sou grata, e o quanto eu amo tê-los na minha vida, eles me fazem feliz simplesmente por serem quem são. Obrigada por me deixar amá-los.

A HISTÓRIA DA RAMONA

RAMONA, 51 ANOS, Rio Grande do Sul.

Sou *ARMY* desde 2016. Eu me apaixonei pela música e pelos MVs do BTS e há anos acompanho a carreira dos meninos. Recentemente, em julho de 2020, peguei COVID. Devido também a uma pneumonia bacteriana, tive que ser hospitalizada. Fiquei com 50% dos pulmões comprometidos.

Eu fiquei no oxigênio e não podia sair da cama. Sentia fortes dores no peito e nas costas e tinha muita dificuldade para respirar. Quando eu achava que iria morrer, me batia um desespero e o que me acalmava era o BTS. Eu recorria aos episódios engraçados de *Run BTS!* e às músicas. Na hora do silêncio, quando batia a solidão, só uma coisa vinha à minha mente: que eu tenho filhos e netos. Nesses momentos, as músicas *Spring Day* e *Save Me* me ajudavam a lidar com a saudade. Eu ouvia estas músicas na hora da medicação da madrugada. Para mim, essas músicas representam uma luta para encontrarmos alguém que está nos esperando, que pode ser nossa família ou amigos. Eu via a noite escura e lutava para sobreviver, enquanto pensava coisas como: *“Não posso morrer, tenho uma família que precisa de mim, não posso desistir de mim,*

não posso perder a fé”.

Eu não tinha mais sonhos. Já tive meus filhos e hoje tenho meus netos. Já tive um amor. Hoje sou viúva e tenho 51 anos. Não sou mais jovem. O BTS me deu uma sacudida. Hoje estou em casa, em recuperação das sequelas que a pneumonia bacteriana e a COVID causaram ao meu pulmão. Mesmo ainda em tratamento, eu sonho em um dia conhecer a Coreia do Sul e visitar alguns lugares onde foram gravados os MVs dos meninos. Encontrei nos discursos do BTS a força necessária para ter um sonho e acreditar. Divido com vocês a minha história como forma de mandar carinho e esperança às ARMYs e ao BTS.

A HISTÓRIA DA DULCI

DULCI, 34 ANOS, RIO GRANDE DO NORTE

“EU DECIDI CONFIAR EM MIM. A SEGUNDA TENTATIVA É MELHOR QUE A PRIMEIRA, E A TERCEIRA É MELHOR QUE A SEGUNDA. [...] VOCÊS VÃO QUESTIONAR SUAS DECISÕES, [...] SE FIZERAM A ESCOLHA CERTA, SE ESTÃO INDO BEM OU SE ESTÃO FRACASSANDO. QUANDO FIZEREM ISSO, LEMBREM-SE: VOCÊS SÃO OS LÍDERES DE SUAS VIDAS. E REPITAM ISSO PARA SI MESMOS. EU CONSIGO. EU CONSIGO. EU CONSIGO FAZER ISSO BEM.”

DISCURSO DE HOSEOK NO DEAR CLASS OF 2020

Essas palavras do Hoseok durante o *Dear Class of 2020* foram muito importantes para mim. Na semana do evento, eu tinha começado aulas de direção. Após mais de 10 anos de receio resolvi superar o medo e tentar. Mas as duas primeiras aulas tinham sido muito difíceis. Eu sentia tanto medo que tive sintomas físicos terríveis na hora de sentar no banco do motorista. Eu estava decidida a desistir, até que no domingo ouvi essas palavras do Hoseok e tudo mudou na minha cabeça. Ao invés de desistir, fui persistente.

Mesmo diante dos erros, eu sempre pensava *“a próxima tentativa vai ser melhor, o importante é continuar”*. Hoje não posso dizer que sou uma exímia motorista, mas pelo menos já consigo sair de carro sozinha. Por enquanto é apenas para lugares perto de casa, mas para mim já é uma conquista incrível.

A HISTÓRIA DA FERNANDA

FERNANDA PINHEIRO, 40 ANOS, BAHIA

O BTS entrou na minha vida no dia 25 de maio de 2019, pouco tempo depois de eu completar 39 anos. Mas não foi porque eu fui ao show deles em São Paulo nesta data. Foi porque nesse dia eu assisti a um *MV* deles pela primeira vez, o arrebatador *MV* de *DNA*. Antes disso, passei vários meses sendo questionada pelos meus alunos do ensino fundamental se eu conhecia os meninos. *“Professora, a senhora conhece o BTS? Já assistiu aos MVs deles? Assista, a senhora vai gostar!”*. Devo agradecer aos meus alunos por terem me apresentado ao BTS. Era meu primeiro ano como professora de escola pública, recém aprovada num concurso público, e eu estava passando por um duro período de adaptação. Toda a minha experiência como professora de língua inglesa havia sido, até então, com o ensino superior e com o ensino em cursos particulares de idiomas. A realidade da escola pública me deixou em choque, bastante angustiada, desestimulada e deprimida. Achava que não ia dar conta e quis abandonar o cargo várias vezes. Me sentia frustrada, desanimada e chorava praticamente todos os dias. E então o BTS apareceu, na hora certa. Eles foram fundamentais para que eu suportasse o período de adaptação no novo emprego

e recuperasse minha saúde mental. Foi um período extremamente difícil, mas que consegui superar graças às lindas e reconfortantes mensagens que eles nos transmitem em suas canções e em seus discursos.

O BTS me fez enxergar que a maior contribuição social que eu posso dar como professora é me dedicando ao ensino básico e fundamental em instituições de educação pública e isso não tem preço. O fato de eu ter sido apresentada ao grupo pelos meus alunos da escola pública torna a história toda ainda mais especial para mim. No início, eu me surpreendi por só conhecê-los em 2019, quando eles já estavam às vésperas de completar seis anos de estrada. Mas depois percebi que é exatamente como uma *ARMY* certa vez me disse: *“o BTS aparece nas nossas vidas quando a gente mais precisa deles”*.

A HISTÓRIA DA GABRIELA

GABRIELA CAMPELLO, 43 ANOS, SÃO PAULO

Conheci o BTS em 2019. Meus filhos, na época com 5 e 9 anos, assistiam aos MVs (principalmente *Fire*, *Idol* e *Boy With Luv*) na sala o dia todo. Como eu trabalho em casa e meu escritório ficava na sala, eu via com eles e achava muito bacana, mas o que me chamava atenção era como os meninos daquele grupo pareciam se divertir entre eles.

Minha filha começou a falar que teria show do BTS no *Allianz Parque*, eu realmente não fazia ideia do tamanho sucesso deles, mas disse que ela não iria e ela “aceitou”.

No dia 24 de maio de 2019, nós estávamos em casa e começamos a ouvir a passagem de som vindo do estádio. Moramos próximo ao *Allianz*. Foi nesse momento que a minha filha entrou em uma crise de choro porque queria ir ao show, meu coração ficou partido! Quando meu marido chegou do trabalho e a viu com os olhos inchados, ele não hesitou, abriu o computador e, não sei como, conseguiu comprar dois ingressos para o dia 26. Um para a minha e filha e o outro para o responsável que a levaria. Eu confesso que não gosto muito de multidão então tentei convencê-

lo a levá-la, mas ele argumentou que era a minha vez, pois ele tinha levado as crianças ao último evento.

Já que eu ia levá-la ao show, comecei a escutar as músicas para não chegar lá sem conhecer nada, e fiquei impressionada com a quantidade de músicas boas que eles tinham. A sementinha já estava plantada no meu coração, mas eu ainda não fazia ideia do que estava por vir! Passei o sábado ouvindo as músicas deles e vendo a enorme movimentação nas ruas do bairro por conta do show. Eu nunca tinha visto nada nem perto daquilo que estava acontecendo.

Chegou o grande dia! Por volta de 16 horas fomos caminhando para o estádio e a emoção que tomava conta do coração da minha filha, aos poucos foi tomando conta de mim! Era incrível e inacreditável ver tanta gente cantando em coreano! Eu estava surpresa com tudo o que eu estava vendo.

Entramos no estádio, pegamos um bom lugar e ficamos esperando o espetáculo começar. Quando as luzes se apagaram e o show começou eu fiquei PA-RA-LI-SA-DA! Eu não podia acreditar no que meus olhos estavam vendo! Era maravilhoso! Quando o J-Hope apareceu no telão, o sorriso dele me derrubou! Já era pra mim. Senti como se eu tivesse sido abduzida! Minha filha gritava, chorava, cantava, dançava e eu que nem uma pateta, estática, olhando fixamente para a frente! Lindos, carismáticos, dedicados... Eu nunca tinha presenciado uma conexão entre fã e artista como aquela.

Os discursos de cada um me fez entender o quanto eles eram especiais para aquela multidão! O idioma era diferente mas a linguagem de sentimentos era exatamente a mesma! Não precisava de tradução!

Desde então passei a procurar seus conteúdos. Não só fui me encantando pela qualidade musical e performances, como gargalhei e chorei assistindo conteúdos como *Bon Voyage* e *Run BTS!* Eu me via em cada um deles. Meus vinte e poucos anos vieram me atropelando... E eu gostei dessa sensação!

As mensagens transmitidas pelo grupo me fizeram ter um olhar mais carinhoso para mim e também me ajudaram a ter uma melhor relação com os meus filhos. Passei a escutar com mais cuidado suas dores e suas angústias.

Educar filhos é, talvez, a tarefa mais difícil que temos. Transmitir bons valores, diante de tanta maldade que vemos dia após dia, é uma luta que encaramos ao descobrir que seremos pais. Ao perceber que meus filhos, com tão pouca idade, escolherem 7 jovens que vivem do outro lado do mundo, que não falam o nosso idioma, mas que se comunicam de maneira humilde e sempre muito educados, para serem seus ídolos me fez acreditar que temos chance de construir um mundo baseado em amor, respeito, afeto e empatia!

Com o tempo vamos descobrindo que a felicidade é uma escolha, muitas vezes nos deixamos enganar por escolhas materiais, mas quando você percebe que

alguém te toca no fundo do coração, que só de ouvir uma música, ou até mesmo uma risada, aquele som te preenche de alegria, aí sim percebemos que nossa felicidade pode ser duradoura, que depende de nós mantê-la como principal escolha!

Esses sete meninos resgataram tanta coisa incrível da minha vida! Como se não bastasse tudo isso, ainda tive o privilégio de conhecer um grupo de mulheres tão especiais. Eu confesso que na minha idade, não imaginava que faria amizade pela internet, até tinha um certo receio quanto a isso, mas essas mulheres me transformaram. Todo apoio e incentivo que tive no último ano, me fez pensar que talvez não tivera esse suporte ao longo da vida com amigos que eu considerava como irmãos!

Eu não posso dizer que estava num momento difícil da minha vida quando eu os conheci, mas eles me fizeram perceber o quanto podemos ser uma versão melhor de nós mesmos quando nos livramos de diversos preconceitos e ainda trouxeram um brilho extra.

Obrigada, BTS, por me fazer olhar para mim e para os meus sonhos com mais amor, por me mostrar que posso realizar e alcançar o que desejo, não importa minha idade ou condições atuais!

보라해

A HISTÓRIA DA JULIANA

JULIANA FERREIRA, 33 ANOS, BAHIA

O ano de 2020 foi muito difícil para mim. No dia 6 de março de 2020, eu tentei suicídio. Após a tentativa, fui internada em um hospital de saúde mental. Quando minha mãe levou algumas coisas para passar o tempo durante o período de internação, eu pedi a ela uns *cards* do BTS que eu tinha ganhado em janeiro (*obrigada, Thais!*). Durante meu tempo internada, eu sempre repassava as mensagens das músicas que incentivam ao amor próprio, lutar pelo que se quer, saber que tem defeitos e se aceitar mesmo assim. Ainda assim, foi difícil.

Depois de sair, eu continuei depressiva e parei de ouvir os meninos. Adquiri anorexia. Então, eu decidi voltar a ouvi-los. O álbum *Map Of The Soul:7*, tocou meu coração mesmo sem eu entender nada, porque é isso que o BTS faz. *Not Today* também foi uma música que me ajudou a me empenhar mais no meu tratamento, vivendo um dia de cada vez e sem deixar nada me derrubar. E se derrubasse, eu continuaria em frente. Comecei a melhorar dessa doença maldita.

Em dezembro, quando mostrei uma melhora mais

do que considerável, descobrimos que minha mãe está com câncer em estágio de metástase. Ela é a minha maior incentivadora e agora eu estou sendo a dela. Eu tive que assumir todas as responsabilidades de uma dona de casa. Então, eu pego minha caixa de som, e faço tudo ouvindo BTS. Faço tudo lembrando que mesmo que melhore só um pouco a nossa dor, a música deles, os vídeos do *Run BTS!*, do *Bon Voyage*, o Jin dizendo o quanto ele é lindo, o discurso do Namjoon na ONU, tudo isso faz eu sentir que nós nos conhecemos. Apenas não nos encontramos ainda. E é sabendo que *Life Goes On* que eu sigo em frente, pois só de ver as fotos deles, eu me sinto um pouco menos sozinha e um pouco mais feliz.

A HISTÓRIA DA FRANCILENE

FRANCILENE, 37 ANOS, CEARÁ

Meu nome é Francilene, mas todos me chamam de Lena. Tenho 37 anos e duas filhas – uma tem dezessete anos e a outra dez. Foi através da minha filha, a Allexia, que comecei a minha história com o BTS. Ela sofreu *bullying* na escola e acabou se fechando para o mundo. Não saía do quarto e passava muito tempo sozinha.

A Allexia sempre gostou de ouvir música. Thaísa (uma amiga da minha filha), que é fã do BTS, começou a falar sobre os meninos para ela e citou um vídeo em que o Taehyung aparece vestido de joaninha. Um dia, ela estava na internet e resolveu pesquisar o tal vídeo. Parece que uma luz iluminou o caminho dela, que estava entrando em uma escuridão. A curiosidade dela foi aumentando. Aos poucos, vieram mais vídeos, fotos, MVs e muitas pesquisas sobre eles. Quando eu passava pelo quarto dela, percebia que ela estava sorrindo, ouvindo música.

Sem entender o que estava acontecendo, eu perguntava a ela o motivo dos sorrisos e ela respondia: “É um grupo de K-pop, música coreana!”. Ao longo de

um mês, eu vi a alegria voltando para a vida da minha filha.

Em março de 2018, ela passou a se considerar ARMY e perguntou se poderia me mostrar uma música. Eu disse que sim. Ela colocou na televisão o MV de *Blood Sweat and Tears* e, para mim, foi amor à primeira vista. Eu gostei tanto que passei a colocar as músicas do BTS para tocar enquanto eu fazia minhas atividades diárias. O engraçado é que no início eu não entendia nada, mas um dia eu comecei a cantar o refrão de *Save Me* e minhas filhas ficaram impressionadas e muito felizes. Elas diziam: “Ai, meu Deus, a mãe está cantando as músicas do BTS!”.

No mês seguinte, em abril, eu já era ARMY também. Ouvi muita besteira por isso, indagações como: “Você não acha que está velha para gostar desse tipo de música?” e “Você entende alguma coisa do que eles estão cantando?”. O julgamento existe, mas eu não dou importância. Além da mudança positiva na vida da minha filha, através do BTS eu também fiz várias novas amizades. Tenho um respeito enorme por todos os sete meninos. Eles ajudaram a minha filha com a depressão. Palavras nunca serão suficientes para agradecê-los.

A HISTÓRIA DA JOZIELY

JOZIELY BRITO, 41 ANOS, PARÁ

Sou professora de música na universidade da minha cidade e digo que a qualidade do trabalho do BTS é impecável para o pop mundial. No que diz respeito a mim, foi muito inspirador encontrar nas letras e melodias um toque suave de busca do seu eu interior e tentar sobreviver no mundo maluco que vivemos hoje.

Meu primeiro contato com *k-pop* foi em 2009, em um shopping de Salvador, durante o meu mestrado. Passeando pelos corredores, me deparei com uma loja de departamento onde, em uma das TVs, passava um clipe promocional no qual nove garotas dançavam coordenadamente uma coreografia impecável ao embalo de uma batida musical que me lembrava até um pouco os *animes* da infância. Passando por aquela loja quase sempre que estava no shopping, a curiosidade se fez maior que a indiferença e resolvi pesquisar sobre a tal propaganda de maneira despreziosa. O grupo em questão era o *Girls Generation*. Na ocasião, elas eram as garotas propagandas da *Samsung*. Porém, tudo ficou por aí.

Em 2012, eu descobri o mundo dos dramas na *Netflix* e sempre que eu escutava uma música interessante, corria para a internet e pesquisava o artista. Foi assim que descobri o *SHINee*, que tem um lugar muito especial em meu coração. Mas mesmo gostando de algumas músicas isoladas, nunca me achei *K-popeira*, era algo mais fluido e fui levando.

Como trabalho com música, em específico música erudita, o pop no geral sempre foi um amor bandido. No meu meio, a cultura popular sempre foi marginalizada e eu sempre me sentia uma leviana quando comentava sobre Madonna, Michael Jackson, Shakira, Rick Martin, Backstreet Boys e afins. Então, acredito que mesmo amando a música Pop, Latina, Forró e Calipso, mantinha meus gostos só pra mim. E assim foi minha juventude.

Em julho de 2015, passei por uma provação muito grande. Fui para as minhas tão sonhadas férias no Japão e ao retornar, após 25 dias, meu esposo me informou que meu sogro havia sido diagnosticado com um tumor no cérebro e se recusava a fazer a cirurgia de remoção. Fui do céu ao inferno em algumas horas. Foram oito meses difíceis que se encerraram com o falecimento do meu sogro em abril de 2016.

Durante todo esse processo doloroso, eu me senti vazia. Vazia, sozinha e tendo que apoiar ao máximo meu esposo que já havia perdido a mãe e agora passava pela mesma dor com o pai. Em setembro de 2015,

zapeando pelo *Youtube*, meio sem rumo, ia assistindo vídeo atrás de vídeo, a maioria de dança e ensaios de grupos de bailarinos. Eu amo dançar. Acabei chegando a um vídeo de sete garotos, asiáticos, em uma sala pequena, escrito *Big Hit* atrás deles. Eles estavam interpretando uma música com coreografia poderosa e precisa. Tinha muita simpatia em sua performance. Achei até que o nome do grupo era *Big Hit*... *hahaha*. O nome da música era *Dope*. Mal eu sabia que ali eu tinha acabado de iniciar uma viagem sem passagem de volta. E assim foi, um vídeo atrás do outro, a busca incessante de informações sobre o grupo e a admiração de poder ver garotos com tanto comprometimento e afincos nas suas performances, sem falar que as músicas mexiam comigo de uma forma que eu não conseguia explicar. Por vezes, me perguntei “*mas porque diacho eu gosto tanto desses garotos?*”. A resposta nunca existiu e nunca vai existir em palavras. Até hoje, apenas me permito sentir, é o suficiente.

Sem perceber, aquele vazio foi sendo preenchido e muitas coisas ganharam sentido. A dor da perda do meu sogro não foi diminuída, mas passar por tudo aquilo acompanhando o trabalho do BTS e sabendo que mesmo eles, com toda aquela magnitude, também tinham seus temores e desafios, foi bem mais suportável. A admiração, o carinho e a empatia com o grupo, por termos o mundo artístico como afinidade, só cresceu.

Hoje me vejo com 41 anos, tendo inspiração de vida, agora, através de jovens homens talentosos que da forma mais esplendorosa me fazem enxergar coisas que por muitas vezes neguei em detrimento da formatada sociedade moderna, como por exemplo, o exercício do amor próprio.

Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de vê-los performar ao vivo quatro vezes e ratifico que o trabalho e toda dedicação que eles têm com seus fãs, transcende magicamente o poder da compreensão. O BTS me alivia o stress, me ensina a ver beleza onde eu achava que não existia mais, me faz sentir viva e grata a tudo que tenho.

A HISTÓRIA DA TESSIA

TESSIA SANTOS, 32 ANOS, MINAS GERAIS

O dia 12 de abril de 2019 foi um renascimento. Noites mal dormidas, ansiedade batendo forte, meus medos me assombrando. Eu estava perdida nos problemas da vida adulta, fazendo a segunda graduação na intenção de ir atrás do meu sonho, sentindo que estava perdendo tempo, ou que o tempo já tinha passado para mim.

Eu estava no dormitório da república em que moro. Resolvi dar uma olhada no *Instagram* e me deparei com uma postagem do Ed Sheeran, dizendo que tinha feito uma música com o BTS. Eu já tinha ouvido falar sobre eles, mas nunca tinha realmente prestado atenção. Cliquei no *link* e quando começou a tocar *Make It Right* foi catártico! Uma sensação boa surgiu em mim. Eu fui atrás da tradução da música e tudo que eu queria ouvir naquela fase da vida era "*I can make it better, I can hold you tighter... I can make it right!*".

A sensação de ter algo para se sustentar quando você se sente despencando é reconfortante e foi essa sensação que me fez entrar nesse universo BTS.

Desde então, ouvir a discografia, assistir aos vídeos divertidos e de *backstage*, faz com que eu me sinta melhor.

A HISTÓRIA DA CAROLINE

CAROLINE BASSETO, 32 ANOS, SÃO PAULO

Eu sou alguém que sempre amou cultura *pop*. Cresci assistindo à *MTV*, e conseqüentemente, sempre curti os cantores e músicos norte-americanos. Influenciada por isso, lá pelo ensino médio, me dei conta de qual realmente era a minha paixão: a língua inglesa. Eu a aprendi como o Namjoon diz: de forma orgânica, ouvindo as músicas e vendo séries.

Como sempre fui muito envolvida com a língua inglesa, confesso que nunca dei muita bola para as outras, até ouvia músicas em espanhol ou francês, mas elas nunca me tocavam como as em inglês, nem mesmo as na minha língua materna, o português. Por isso, vocês já devem suspeitar que se nem aqui pelo ocidente eu me rendia a outros idiomas, que dirá os do outro lado do mundo. Nunca me interessei pela cultura asiática em geral.

Confesso que até junho de 2019 nunca tinha dado bola para *k-pop*. Nunca tinha visto um clipe ou sequer ouvido uma música inteira. Mas um dia, em julho de 2019 - ah, que dia! - com um clique, uma sugestão no *YouTube*, me apaixonei pelos meninos do *BTS* e descobri

que era um caminho sem volta. Fiquei até quatro da manhã vendo vídeos deles. Eles para mim, são um vício muito saudável, pois me proporcionam momentos de muita felicidade.

Lembro de passar aquele mês sem pensar em problemas. Eu tinha acabado de pedir a conta de um emprego que pagava bem, mas me drenava mental e fisicamente, e eles chegaram na hora certa! Desde então, nunca passei um dia sem conferir vídeos, entrevistas, escutar músicas ou ler notícias sobre eles. É surreal como até mesmo hoje, já os conhecendo há mais de um ano, quando os vejo é como uma injeção de serotonina. Chega a doer a bochecha de tanto sorrir.

O BTS também já me fez chorar, mas um choro bom, um choro de orgulho ou de acalento. A primeira vez foi vendo o discurso deles no *MAMA* de 2018. A força que o Hobi fazia para engolir o choro que escapava entre soluços, fazendo com que todos os membros se emocionassem, me tocou a alma. As minhas lágrimas já rolavam soltas, mas ao ver o Taehyung se debulhar em lágrimas quando o Jin mencionou o *disband* tocou fundo em mim, em um misto de desespero por essa ideia ter surgido entre eles e alívio por estarem ali juntos.

Os meus choros por eles foram muitos, mas lembro de um mais recente que senti como se o Jimin estivesse falando comigo. No especial *Dear Class of 2020*, o

BTS fez lindos discursos individuais. Todos foram pertinentes à situação mundial que vivemos neste ano, mas o discurso do Jimin foi como se ele entregasse cada palavra para mim. Na época, estava com problemas de saúde, e recebi resultados de exames não muito animadores, e lembro que chorei copiosamente em frente ao notebook ouvindo as palavras dele:

"Hoje em dia me preocupo muito com vocês, se estão saudáveis. Se seus corpos e suas mentes estão sãos. Espero que estejam bem, mas se não estiverem, nós enviamos nossos melhores desejos de todo o coração. Lembre-se que há uma pessoa aqui na Coreia que te entende".

De alguma maneira, o discurso dele me energizou a ponto de eu dar uma guinada em minha vida. Aquele especial foi ao ar em um domingo, e na segunda-feira, 8 de junho de 2020, comecei a viver de uma forma saudável. E o melhor de tudo: não foi difícil. Hoje, três meses depois, vivo uma fase, mesmo em meio à pandemia, a qual tenho orgulho de mim mesma. Pratico exercícios, me alimento de maneira saudável e tenho muito mais motivação para acordar a cada dia e começar tudo de novo.

É inegável que o talento para a música e a dança, assim como um carisma gigante, transformou os sete membros do BTS em imortais. Mesmo quando eles se forem, o legado das músicas permanecerá. E eles sempre terão um lugar no meu coração, por terem

me ajudado a desconstruir ideias pré-concebidas e abraçar a cultura coreana e por terem feito com que eu finalmente cuidasse de mim - só temos uma vida, um corpo e precisamos cuidar dele.

A HISTÓRIA DA THAIS

THAIS LEAL, 36 ANOS, SÃO PAULO

Eu sou a Thais. Tenho 36 anos e sou *ARMY* desde 2018. Entrei nesse mundo sem saber o que fazer e como agir. Foi bem inesperado, na verdade. Desavisadamente, pedi para pessoas da minha *timeline* no *Twitter* me recomendarem músicas do BTS, já que estava ajudando algumas amigas a votar nos *BBMAs* de 2018, porém não conhecia nenhuma música deles. A primeira música recomendada foi *DNA*. Confesso que ela não me fisionou de primeira, mas fiquei encantada com a voz que inicia a canção logo após o assobio icônico. Lembro de ter escutado no *Spotify* e ter corrido para o *Twitter* para perguntar quem cantava o começo da música! Me falaram que era o V, Kim Taehyung de nascimento e Taetae para o *ARMY*. Precisei pedir mais músicas em que ele mostrava aquele barítono maravilhoso e me recomendaram *Stigma*. Fiquei muitas horas perdida na voz dele e nessa música, só que ainda não animei de conhecer o resto das músicas do grupo.

Era época de *comeback* também. O álbum *Love Yourself: Tear* estava para ser lançado e logo em seguida fui agraciada com outra música maravilhosa cantada

por Kim Taehyung, *Singularity*. Até compartilhei com a minha família a música, de tão boa que achei. Enfim, gostava do Tae, mas ainda não tinha dado uma oportunidade ao grupo, não me considerava ainda uma ARMY. Até que veio *Fake Love*.

Seis horas da manhã, horário em que saio todos os dias para trabalhar, resolvi ver o porquê das minhas amigas do *Twitter* estarem tão alvoroçadas. Foi aí que fui fisgada. Assisti tantas vezes aquele *MV*, que tem tantas mensagens visuais, sonoras e na letra, que pela minha lembrança foi um dia pouco produtivo no trabalho. Fiquei realmente extasiada, então fui ouvir o álbum e foi ladeira abaixo!

Até hoje é um dos meus álbuns favoritos, principalmente porque pareceu que eles falavam com a Thais do momento, a respeito de amor próprio, de reavaliar meus sonhos, de parar de esperar coisas de pessoas que já não estavam mais ali comigo e por mim, como eu ainda estava por elas. Foi catártico, ao mesmo tempo que, vendo que eles eram os responsáveis por aquelas letras, não somente intérpretes, eu quis saber mais sobre quem eles eram, quis saber como rapazes tão jovens tinham conseguido chegar em mensagens tão profundas e que haviam me tocado tanto. E conhecendo as histórias deles de busca dos sonhos, trabalho, esforço, superação, desespero muitas vezes, de serem os *underdogs* de uma indústria musical selvagem e que muitas vezes, muitas vezes mesmo,

foram subestimados, até mesmo ridicularizados, mas que persistiram mesmo após tudo isso, ativou algo em mim. Eles me mostraram que eu também poderia, que não era tarde demais, que ainda havia muita vida para se viver e muitos sonhos para alcançar!

Foi minha época de maior busca. Comecei a escrever histórias no *Wattpad*, as primeiras baseadas nos meninos, porém escrevi outras tantas, um sonho que tinha de ser autora, mas que achava que não era para mim. Assim como fui estudar música também, entrei em um curso técnico em canto e agora sou formada profissionalmente.

Escrevo essa história retornando a tudo que senti na época, pensando que nem tudo saiu como eu imaginava. Perdi amizades no meio do caminho (que talvez me acharam *ARMY* demais) e tive problemas para prosseguir muitas vezes nas novas escolhas que havia feito, nas mudanças que realizei. Entretanto, ao lembrar percebo que ainda não cheguei aonde quero e devia, ainda há caminho a percorrer e novas tentativas a se fazer! Eu só preciso vencer o medo e largar o ressentimento do que não deu certo, voltar ao processo de um passo de cada vez, assim como aprendi com os meninos. Afinal, a vida continua.

A HISTÓRIA DA LUANDA

LUANDA RIBEIRO, 28 ANOS, RIO DE JANEIRO

Em 2019, o BTS estava para fazer dois shows aqui no Brasil e eu passava por mais uma crise de depressão. Eu tive a impressão de que essa foi uma das mais obscuras. Para ocupar minha mente, eu usava muito o *twitter* e evitava as outras redes sociais. No dia 25 de maio, o *trend topics* do *Twitter* ficou completamente dominado por *hashtags* relacionadas aos meninos. Eu já tinha visto isso acontecer, mas não daquele jeito. De repente, minha *timeline* só falava disso. Eu sabia da existência do BTS, mas nunca havia parado para escutá-los de fato. Comentei com meu marido que o *Twitter* só falava do show e do grupo e ele, que é professor, me respondeu que tinha várias alunas que gostavam, todas elas do Ensino Fundamental. Parei. Refleti. E disse para ele, sentada no sofá aqui de casa: “Vou ver do que se trata”.

Não teve volta. Meu primeiro MV foi *Boy With Luv* e segui para *Dope*, *DNA*, *Idol* e por aí vai. Depois disso fui aprender sobre os integrantes e suas histórias. Comecei a ler as traduções das letras e percebi que não era só mais um grupo. *Not Today* me ajuda até hoje nos dias complicados. Também assisti aos vídeos do *Run*

BTS!. Na época estava com muita dificuldade de falar com as pessoas e de sair de casa. Assistir os meninos se divertindo juntos, saindo, rindo, se divertindo, foi, definitivamente, o que me deu vontade de fazer o mesmo. Aos poucos fui melhorando e recuperando a confiança de viver. E é assim até hoje. Muito mais do que um grupo e um coletivo de fãs, nós somos uma família. A gente se ajuda, se sustenta, renova a força uns dos outros. Somos muito mais do que uma relação superficial.

A HISTÓRIA DA ROBERTA

ROBERTA MEIRELES, 35 ANOS, PERNAMBUCO

Eu sou assessora de imprensa, ou seja, trabalho ajudando empresas a aparecerem nos meios de comunicação. Com a internet, os veículos tradicionais – rádio, TV, jornais – estão diminuindo ou fechando e isso impacta diretamente no meu trabalho e me dá muita insegurança em relação ao futuro. Eu estava em uma fase difícil da vida, extremamente desmotivada com o trabalho, sofrendo com ansiedade e compulsão alimentar. O BTS apareceu como um sopro de vida! Me trouxe alegria e novas amizades, além de ter estreitado minha relação com minha filha de 11 anos.

Minha filha e eu sempre tivemos uma boa relação, mas com uma paixão em comum, ficamos mais próximas. Quando eu conheci o *Bangtan*, corri para mostrar a ela, e o amor foi imediato. Passamos a ouvir músicas juntas, ver videoclipes juntas e frequentar eventos de *k-pop* que aconteciam na cidade antes da pandemia. Isso abriu portas para mais diálogo, companheirismo e confiança entre a gente.

Até empreendedora me tornei por causa do BTS!

Em 2019, eu e uma amiga chegamos a abrir uma loja de camisetas com estampas criativas e não-óbvias, inspiradas no *Bangtan*. Vendemos em eventos, fizemos parceria com lojas físicas e online e chegamos a vender até para os EUA. A pandemia nos obrigou a fechar as portas, mas foi uma experiência que me permitiu aprender e crescer muito.

Da relação com a minha filha ao meu trabalho, sinto que o efeito do *Bangtan* na minha vida foi trazer uma motivação através da qual eu pude renascer.

A HISTÓRIA DA MAFE

MARIA FERNANDA LEME, 39 ANOS, SÃO PAULO

Sou completamente apaixonada pela cultura da Ásia e sempre procurei conhecer mais sobre cada país. A primeira vez em que vi o BTS, foi no *debut* televisivo deles, no *MNet Countdown*. Achei o som interessante e fiquei curiosa a respeito do grupo. Pensei: “*Vou acompanhar esses sete meninos de perto*”. Em outubro de 2013, quando os assisti no *Rookie King*, a admiração que eu já tinha, cresceu 1000%! A cada apresentação que eu via, a cada nova música e novo *MV*, eu gostava mais deles. Vê-los crescer, se transformando de *Rookies* a *Prós*, de meninos a homens, sempre me encheu de orgulho.

Em um momento particularmente difícil, veio *Spring Day*. Sabe uma música que no primeiro acorde você já está em outro mundo e lágrimas caem automaticamente de seus olhos? *Spring Day* é essa música pra mim. Nessa época, eu estava sofrendo muito no meu antigo emprego. Eu trabalho com Hotelaria, e neste ramo, muitas vezes eu me sinto como um ratinho no meio de cobras venenosas. Sei que nenhum ambiente de trabalho é perfeito, mas naquele período, eu estava sofrendo muito estresse psicológico.

Eu ocupava um cargo de liderança. Trabalhava muito, praticamente morava no hotel. Mas, apesar do meu empenho, algumas pessoas eram muito competitivas e queriam me tirar do lugar de líder. Conseguiram.

Apesar de ter perdido o cargo, toda hora eles me ligavam perguntando sobre diversos assuntos relacionados ao trabalho e eu acabava ajudando e tirando as dúvidas. Tudo isso me desestabilizou mentalmente de uma forma que, até hoje, não sei como explicar. Um dia, eu informei que não atenderia mais nenhuma ligação e que eles deviam perguntar ao novo líder, afinal, ele estava lá por algum motivo.

Honestamente, eu comecei a questionar a minha capacidade profissional. Eu fui passada para trás por um jovem que tinha acabado de sair da faculdade e não possuía experiência alguma, mas tinha contatos. Cheia de incertezas e com minha saúde mental comprometida, comecei a pensar muito no meu falecido pai. A saudade dele doía tanto quanto o sentimento de ser uma profissional inútil. Pedi a ele para me enviar um sinal, para que eu ficasse bem. Eu acredito nisso.

Uns dias depois, os meninos lançaram *Spring Day*. Ao escutar a música e prestar atenção na letra, eu me senti impactada. A parte "Até que esse inverno acabe / E a primavera venha de novo / E que as flores floresçam de novo / Fique aí um pouco mais" significou um sinal para mim, como se estivessem me dizendo "Aguente

um pouco e algo bom virá em sua direção". E foi isso que aconteceu. Eu fui contratada por um outro hotel, no qual me senti muito bem acolhida e fui feliz durante os três anos em que trabalhei lá.

Eu sabia que não me arrependeria de acompanhar aqueles meninos de perto! É tão bom ver que aqueles sete rapazes são hoje os reis do mundo! Dominaram as paradas da *Billboard*, se apresentaram em grandes premiações, lotaram estádios pelo mundo afora e discursaram na ONU! Não é qualquer um que pode falar isso, não é mesmo? Mas, sabe, um lado deles que eu amo ver é o lado mais "pessoa", mais "humano" e não o "*idol*". Gosto dos documentários e filmes porque neles eles mostram um pouco mais esse lado que é difícil da gente ver.

Enquanto escrevo este relato, estou ouvindo nossos meninos. Eu espero poder assistir a um show deles novamente. Quem sabe lá no outro lado do mundo, na Coreia? Daqui, no Brasil, eu vou dormir pensando: "Será que os meninos farão live?". Questões de vivermos em lados opostos. Mas é sempre muito bom quando a gente se reencontra.

A HISTÓRIA DA PRISCILA

PRISCILA GODOY, 34 ANOS, RIO DE JANEIRO

Começou assim: uma amiga minha compartilhou um trecho do MV de *Boy With Luv*, pois ela não conseguia tirar o “oh my my my” da cabeça. Não sei como ela conheceu a música, mas eu cliquei para ver o vídeo. Eu já tinha conhecido o BTS antes, em 2017, porque outra amiga minha estava gostando do grupo e comentou sobre eles. Na ocasião, eu ouvi algumas músicas, mas não dei muita atenção e ficou por isso mesmo. Quando, em 2019, a minha amiga Simone postou *Boy With Luv*, eu fiquei apaixonada pela música, pela estética do vídeo, pelas cores e as mudanças de cenário. Ouvi o *Persona* e, bom, eles entraram na minha vida. Isso só prova para mim que eles realmente entram nas nossas vidas quando precisam entrar, no momento certo. Eu estava bastante desmotivada com a minha vida. Eu não tinha objetivos, só trabalhava e estudava, sem propósito. Acontece que eu achava que já estava velha demais para sonhar e realizar meus sonhos.

Eu faço Letras. Infelizmente, eu comecei a faculdade e já parei diversas vezes. Foi ao ter contato com as músicas e discursos do BTS, que eu decidi terminar a faculdade e não parar mais os estudos. Eles me deram

esperança. Mais do que isso: pela primeira vez, eu tive um sonho. Um sonho só meu, que depende de mim mesma. Não era algo para agradar outra pessoa ou que eu faria pela minha família. Eu finalmente estava fazendo algo por mim mesma. Eu escolhi cursar Letras porque eu sempre amei livros, sempre gostei muito de aprender e sempre fui muito curiosa com tudo. O meu sonho passou a ser o meu diploma e conseguir um mestrado.

Os meninos me ajudaram a ver que eu posso sonhar independente da minha idade e que, quando cansar, eu posso descansar e depois seguir. O importante é persistir, mesmo com todas as dificuldades. Foi com este pensamento que eu passei a ter mais foco e surgiu a vontade de estudar fora. Eu quero estudar *Korean Literature and Language* e vou me inscrever para a bolsa de estudos na Coreia do Sul. Essa bolsa é ofertada todo ano, para Graduação e Mestrado e nós podemos nos candidatar via Embaixada. Eu não sabia da existência desse programa até que uma ex-aluna minha perguntou porque eu não aplicava, já que eu tinha muito contato com a cultura coreana. Eu já consumia algumas coisas da Coreia há alguns anos (livros, *webtoons*, dramas), mas o BTS fez eu me aproximar mais da Literatura Coreana. A poesia e a literatura contemporânea são apaixonantes e, como eu faço Letras, quero me aprofundar em trabalhar com livros. Eu estou aprendendo coreano nesse meio tempo também, e eles me incentivaram até nisso. Eu,

que não tinha nenhum objetivo, agora tenho uma meta definida. Como devo concluir a graduação daqui alguns meses, eu venho me preparando para a candidatura. Aqui no Brasil, seria muito difícil cursar um mestrado e trabalhar. Não há incentivo aos estudos. A Coreia oferece essa oportunidade e eu resolvi tentar.

Eu tenho vivido mais feliz, indo atrás do meu sonho. Como o discurso no *Dear Class of 2020*, uma pessoa como eu, comum, pode sonhar e alcançar seus objetivos. Não importa idade, eu só preciso seguir isso. O BTS me ajudou a encontrar meu Norte e eu sempre serei grata. Como em *Wishing on a Star*: "*Mantenha seu sonho. Apenas não importa onde você está. (...) Você brilhará novamente.*"

A HISTÓRIA DA VANDERLY

VANDERLY APARECIDA, 50 ANOS, SÃO PAULO

Minha filha e eu vivíamos na mesma casa, mas em mundos diferentes. Devido ao meu trabalho, não conversávamos muito. Ela passava a maior parte do tempo na escola e quando chegava em casa eu só perguntava se estava tudo bem ou se ela precisava de algo. Fechada em seu quarto, ela passava o tempo lendo, escrevendo, desenhando e ouvindo BTS. Foi através do BTS que nos aproximamos.

Tudo mudou após eu levá-la ao cinema para assistir *Born in the Stage*. Assistindo ao documentário, eu percebi a união entre eles e o amor que sentem uns pelos outros, pelas ARMYs e pelo trabalho. A mensagem que eles passam nos possibilita uma nova visão para o amanhã. É sobre superar nossos medos e reconhecer nossas fraquezas. Após conhecer melhor o trabalho do BTS, eu pude me amar como nunca antes. São sete rapazes que lutaram e lutam por um sonho em comum, que não desistem no caminho por mais difícil que seja. Após assistir ao documentário, eu e minha filha começamos a viver no mesmo mundo. Ela estava perto de fazer 15 anos. Na volta do cinema eu disse a ela que se o BTS viesse ao Brasil em turnê, nós

iríamos vê-los. Ela abriu mão de ganhar uma festa de aniversário ou uma viagem, para que pudéssemos ir ao show. E nós fomos.

Quem ajudou a tornar este nosso sonho realidade foi o meu marido, que também é *ARMY*. Ele conhecia algumas músicas como *Idol* e *Fake Love* porque a minha filha já tinha mostrado os *MVs* pra ele. Ouvimos o anúncio do show do BTS quando estávamos no carro, só eu e ele. Na mesma hora, ele disse que a gente ia. Quando chegamos em casa, a nossa filha já estava ansiosa aguardando para nos avisar do show. Lembro até o dia em que isso aconteceu: dia 18 de fevereiro de 2019.

A gente sabia que seria difícil conseguir os ingressos pela compra *online*, já que esgotam muito rápido. Optamos por ir para a fila, comprar presencialmente. Meu marido disse que só sairia da fila com os ingressos comprados. Foi difícil, mas conseguimos. O dia do show foi como um sonho. Um momento único na vida da minha família.

Minha filha e eu somos agora muito unidas. Nós já fomos a vários eventos juntas e até montamos uma lojinha com produtos que nós mesmas fazemos. Esses meninos são anjos sem asas. Eles têm um amor que contagia a todos. Já passei por questionamentos sobre ser *ARMY* na minha idade, mas não escondo de ninguém que sou fã de BTS. O que importa é que eu e minha filha estamos unidas.

A HISTÓRIA DA CAROLINE

CAROLINE ANJOS, 31 ANOS, BAHIA

○ BTS apareceu para mim em um momento tranquilo, eu estava zapeando vídeos no *YouTube* e me apaixonei pelo menino de cabelo cereja (Jungkook) com um olhar intenso. Após esse dia não consegui parar de acompanhar e de ser tocada pela história dos meninos. Fiquei feliz em saber que eles não eram um grupo qualquer e sim uma família que pregava valores que se assemelham muito ao que acredito.

Nesse meio tempo meu pai adoeceu. Durante as muitas madrugadas no hospital, as músicas do BTS confortaram meu coração. *Promise* foi lançada em um dia especialmente difícil e eu senti que era um recado para que eu não esquecesse das promessas de Deus para a minha vida. Músicas como *House of Cards* e *Euphoria* são músicas que trabalharam de formas diferentes no meu psicológico. *House of Cards* trazia muito da dor sentida e era como se eu estivesse desabafando tudo o que não podia gritar. *Euphoria* trazia calma para essa dor.

Quando o BTS veio fazer o show aqui no Brasil,

em 2019, eu tive a oportunidade de respirar outra vez. Eu estava exausta das idas aos hospitais e lembro exatamente que, no final de semana do show, meu pai teve um dos melhores momentos depois de meses e ficou muito feliz com minha ida ao show. Tive a oportunidade de ligar para ele e dizer: *“Pai, mais um show pra conta e mais um sonho realizado!”*

Sair de Salvador e fugir das cobranças do trabalho e família foi como o “ar que faltava” para que eu continuasse a caminhada. Foram dois dias onde eu só senti alegria e energia positiva, além de encontros com amigadas que carrego até hoje. A cada dia o BTS fortalece em mim a vontade de ser melhor, porque eles tentam sempre se superar, e o melhor, sem perder de fato a essência de cada um. Infelizmente, meu pai não se encontra mais conosco, descansou no Senhor. Mas a experiência, ela é viva e continua no meu coração!

A HISTÓRIA DA PRISCILLA

PRISCILLA CLEMENTE, 38 ANOS, SÃO PAULO

Minha história com o BTS começou exatamente no final de 2015, quando minha filha, na época com 11 anos, me mostrou o grupo sul coreano que havia conhecido e se tornado fã. Assim que ela me mostrou uma foto do grupo, confesso que meus olhos foram diretamente para o rapaz de cabelos castanhos claros e óculos. No mesmo momento, eu disse a ela: “*Nossa! Esse é bonito, hein?*”. Foi aí que começou meu amor por Kim Seokjin.

Na época eu não me interessei de primeira pelas músicas, mas minha filha vinha sempre me mostrar os *MVs* (*Run, I Need U, Fire*) e foi assim que passei a enxergá-los com outros olhos. Foi no *comeback* de *Wings* que percebi que eles já moravam no meu coração. Quando *Awake* foi lançada e eu a ouvi pela primeira vez, a música me tocou de uma maneira que chorei. Essa música literalmente tocou a minha alma. Mas devo confessar, que eu mesma tinha um certo preconceito em me assumir *ARMY* por causa da minha idade. Eu pensava: “*Isso é para adolescente*”.

Até que chegamos no anúncio da *The Wings Tour*,

que passou por São Paulo. Minha filha disse que queria ir e eu decidi ir com ela. O dia 19 de março de 2017 chegou e eu pude sentir a maior emoção causada por um artista em mim. Eu jamais tinha sentido uma emoção tão avassaladora antes! A partir desse dia não me importei mais com idade. Me joguei na emoção e energia deles. Gritei e cantei as músicas que eu sabia e desde então tenho orgulho em dizer que sou uma *ARMY Noona*. Nesse show, fui impactada com a energia e beleza de cada um.

O ano de 2017 foi um ano de uma grande decepção pessoal na minha vida e foi o ano que me abriu e os deixei entrar e fazer morada no meu coração. Antes, quando eu lia que eles chegavam na vida das pessoas quando elas mais precisavam, eu confesso que não acreditava, até que isso aconteceu comigo. Eles realmente chegam na vida da gente quando mais precisamos! Passei por algumas angústias desde então e tê-los na minha vida me ajuda muito. Eles me dão energia e esperança.

Em 2019, tive o privilégio de novamente ir a um show deles. O dia 25 de maio foi mais uma experiência de troca de energia inexplicável. Para melhorar, em 2020, em plena pandemia, a *Delta Noonas* apareceu na minha vida. Por causa de um amor em comum, o BTS, eu conheci mulheres incríveis.

Hoje eu tenho muito orgulho de ser fã desses 7 sul coreanos, que considero enviados por Deus para acalentar o coração das pessoas.

A HISTÓRIA DA LILY

LILY LOPES, 52 ANOS, BRASÍLIA

Eu sou bipolar e não sabia. Conheci o BTS em 2016 com *Blood Sweat & Tears* e fui pesquisar para conhecer. Passei a amar. Nesse mesmo ano, eu perdi duas pessoas que eu amava. Eu apenas queria morrer. No entanto, quando eu os ouvi dizer que a vida era sangue, suor e lágrimas, eu entendi que precisava aguentar. Por isso acredito que ser *ARMY* não tem relação com a idade. É apenas identificação com as mensagens sobre esperar por um amanhã melhor, amar a si mesmo e aguentar firme. É sobre tentar de novo. Sobre apoiar e cuidar.

Todas as vezes que eu acho que não aguento mais, que não tenho mais forças, eu ouço *Not Today*, que para mim é uma mensagem para não desistirmos de viver. Aguentemos. Só mais um pouco. Eu ouço a música e penso que apenas hoje, não. E aguento mais um dia.

A mensagem, a esperança, o sorriso, o amor. Não, eles não precisam saber quem eu sou porque eu sei quem eles são. Esperança.

A HISTÓRIA DA ALESSANDRA

ALESSANDRA DAMACENO, 30 ANOS, SÃO PAULO

Antes de conhecer o BTS eu havia passado pelo período mais difícil da minha vida. Acordar chorando e dormir chorando tinha se tornado algo rotineiro para mim. Quando conseguia formular pensamentos positivos em minha mente, logo eles eram substituídos por pensamentos tristes e dolorosos: *“ninguém gosta de mim de verdade, ninguém precisa de mim, eu sou sem graça, todo mundo vira as costas para mim, eu vou ficar sozinha, não suporto ficar sozinha”*. Eu achava que esses sentimentos estariam para sempre comigo. Ao pensar nesse “para sempre”, isso me assustou. “Para sempre” era muito tempo para me sentir triste, angustiada e sozinha. Lembro de ter desejado nesse momento ser feliz de verdade, encontrar a verdadeira felicidade que fosse minha, não uma felicidade que copiasse a dos outros, que eu julgava ser perfeita. Uma felicidade minha, e com isso, verdadeira.

No final de 2018, eu conheci o BTS através da *Rádio Disney*. Onde eu trabalhava, o rádio ficava sintonizado na *Rádio Disney*. Todos os dias tocava *DNA*, e essa era a minha música favorita da programação, mas eu não

sabia quem cantava. Até que pesquisei e descobri o BTS. Quando eu descobri que quem cantava aquela música que eu gostava de ouvir na rádio era um *boy group* sul-coreano, eu fiquei bastante surpresa. Na época, eu ainda não tinha conhecimento do sucesso que o BTS já estava conquistando. Então, eu fiquei surpresa que um grupo da Coreia do Sul estivesse tocando em uma rádio brasileira. E o que começou como curiosidade mudou o meu futuro.

Quando eu dei por mim, eu não chorava mais por coisas que antes me entristecia. Foi engraçado, porque eu só dei por mim quando tive um estalo e pensei *"nossa, isso não me afeta mais"*. Eu percebi que o motivo era porque meus dias que antes eram repletos de medo, angústia e solidão, agora estavam sendo preenchidos com outros tipos de sentimento: amor, carinho, admiração. Antes eu me colocava em situações que eu sabia que não faziam bem, mas que eu não conseguia evitar. Conforme o BTS foi ganhando espaço na minha vida, a vontade que antes eu tinha de me colocar nessas situações foi passando. O que antes era uma escolha difícil, agora era fácil: *"se eu fizer isso, eu não vou me sentir bem, então eu não quero mais fazer isso"*. Pela primeira vez em muito tempo, eu me senti em paz comigo mesma.

Agora, se algo me abate, se me sinto cansada ou desanimada, eu escuto suas músicas ou assisto suas brincadeiras e me sinto melhor. Se eu puder descrever

o que o BTS significa para mim, eu diria que eles são um oásis em meio ao deserto. Assim como um oásis, o BTS surge no momento certo e pode salvar vidas. Posso afirmar, com certeza, que eles salvaram a minha. E o melhor de tudo é que eu sinto uma felicidade que eu sei que é minha.

A HISTÓRIA DA LIDIANE

LIDIANE DE OLIVEIRA, 37 ANOS, RIO DE JANEIRO

Eu sou professora. Há alguns anos, eu tive uma turma de pré-adolescentes, em que algumas meninas eram apaixonadas por *k-pop* e principalmente pelo BTS. Elas falavam o tempo todo sobre eles. Eu confesso que reagia de forma preconceituosa, mesmo sem conhecer o grupo. Elas ficavam bravas comigo e me sugeriam assistir aos MVs deles para ver o quão talentosos eles eram. Elas ressaltavam que eles dançavam muito bem. Só que minha mente estava fechada naquela época. Eu começava a assistir algum conteúdo deles e não conseguia terminar.

Passado algum tempo, em 2018, depois de viver um momento terrível na minha vida pessoal, quando eu já estava contando com apoio profissional para melhorar o emocional, eu tive vontade de ver coisas novas. Foi quando resolvi dar uma olhada no tal do BTS. Desde esse dia, não teve um dia sem o grupo na minha vida. Ouço todo dia. Vejo todo dia.

A HISTÓRIA DA THAIS

THAIS DUARTE, 28 ANOS, PARANÁ

Tenho 28 anos e sou fã de BTS! Fã em todo o significado da palavra. Acho engraçado pensar que durante toda a minha vida nunca fui fã de nada, sempre tive minhas preferências e gostos, é claro, mas nunca fã de verdade, nunca fã como agora. BTS não chegou de mansinho, chegou com força total. Até maio de 2019 eu nunca tinha ouvido falar dos meninos, até que a internet foi dominada por eles, com todas as notícias sobre o show que aconteceria em breve. E foi assim que eu, grande entusiasta de música pop, fiquei completamente chocada ao ver pela primeira vez o *MV* de *Boy With Luv*. Eu não fazia a menor ideia de quem eles eram, mas eu sabia que queria mais.

Naquela semana eu vivi uma imersão em Bangtan, passei todas as horas livres consumindo tudo o que encontrava sobre eles. E naquele fim de semana fiquei triste em saber que eles estavam aqui fazendo o show e eu não iria porque tinha acabado de conhecê-los. Quando percebi, minhas *playlists* estavam dominadas pelas músicas deles, meu marido já passava tardes vendo os *MVs* e os episódios de *Run BTS!* comigo e eu mostrava BTS para todo mundo que eu conhecia. Com

o passar do tempo eu fui percebendo o porquê dessa intensidade. Ser fã é muito mais sobre identificação do que sobre gostar de uma música, é sobre admirar, é sobre ser tocado de alguma forma pela arte que alguém se propõe a fazer. E a arte que essas sete pessoas entregam, sempre tem muito deles, muito de quem eles são e com isso a conexão é inevitável. Quando o BTS surgiu na minha vida eu estava saindo de um dos momentos mais difíceis e escuros que já passei, estava em um quadro de crise de ansiedade, com a autoestima extremamente abalada. Eu me sentia só sobrevivendo. E não, o BTS não foi o que me fez sair desse lugar, mas com toda certeza fez meus dias mais divertidos, me arrancou sorrisos bobos, me emocionou e me fez refletir mensagens importantes, me fez olhar para mim mesma com mais carinho. E por fim, em 2020, em meio a pandemia e no ano mais louco e difícil de todos, através deles eu conheci um grupo de pessoas incríveis, mulheres fortes e especiais que eu admiro e quero levar comigo para a vida! Ganhei novas amigas de presente, pessoas que dividem comigo esse carinho tão especial pelos meninos! E aqui estou eu, 28 anos e fã de BTS. Fã das pessoas certas.

A HISTÓRIA DA PRISCILA

PRISCILA RINCO, 38 ANOS, SÃO PAULO

Eu sempre gostei muito de música e desde a minha adolescência acompanhava muitas *boybands*. Por isso, quando minha filha começou a curtir o BTS, eu fiquei feliz. Eu sempre ouvia as músicas e achava legal, mas não imaginava que quando levasse minha filha ao show tudo mudaria.

No dia 26 de maio de 2019, levei minha filha ao show e já nos primeiros acordes meu coração palpitou de uma forma diferente. Durante a música "*Tear*" eu senti que o que estava acontecendo ali era algo muito especial. Após o show, eu resolvi buscar informações sobre eles e quando eu menos esperava, já estava envolvida demais nesse mundo.

Eu sou uma pessoa extremamente tímida e de poucos amigos. Estou sempre na minha, nunca fui de conversar muito, nem de revelar meus pensamentos e opiniões. Quando veio a pandemia, esse meu jeito de ser pesou. Por muitas vezes eu me senti sozinha. Ouvir as músicas e curtir os conteúdos do BTS era ótimo, mas não ter amigas da minha idade para compartilhar isso fazia eu me sentir velha demais para ser fã de um grupo novamente. O interessante é que foi justamente através

das músicas do BTS que eu comecei a me aceitar mais e a não ter medo dos meus sentimentos, então, com o tempo, eu fui deixando de sentir vergonha do que me fazia feliz. Nesse processo, a partir do momento em que me abri, comecei a conhecer pessoas da minha idade que me compreenderam e me aceitaram do jeito que eu sou.

Ter levado minha filha ao show dos meninos foi um marco em minha vida. Ao me tornar fã deles, eu me aproximei ainda mais da minha filha e conheci pessoas que eu vou levar para a vida toda. O BTS me ajudou a estreitar e criar elos. A música, definitivamente, une as pessoas.

A HISTÓRIA DA INÊS

INÊS FRAGA, 43 ANOS, PARÁ

A credito muito na força das palavras e, como elas são usadas faz toda diferença na vida de alguém. Conheci BTS através de minha filha, na época com 14 anos. Na hora pensei "*mais um grupo de cabelo colorido. Isso ainda existe?*". Isso foi fevereiro/março de 2016. O MV era *Dope*. Música interessante, uma coreografia legal, o médico (SeokJin) me chamou atenção (*risos*). E a cada dia me era mostrado um MV diferente. Confesso que gostava das músicas, mas não conseguia, até então, reconhecer os membros, já que eles mudavam com frequência as cores dos cabelos.

Então foi anunciada a *Wings Tour*. Olhei para minha filha e perguntei "*Queres ir? Vai ser o seu presente de quinze anos.*", e assim nossa aventura começou. Fomos ao show. Entrei sem ser fã e saí *ARMY*. Voltei do show querendo saber tudo, conhecer discografia, de onde vinham, como e por que eles tinham me encantado em 2 horas e meia de show. Dali pra frente, foram vários momentos encantadores, muitos conteúdos a serem vistos, muita informação a ser absorvida. Conheci pessoas maravilhosas que se tornaram minhas amigas. Minha relação com minha filha, hoje com 18 anos, se

estreitou de uma forma ímpar, muito mais do que já era.

Daí veio *Love Yourself Tour*, e mais uma aventura. Agora eu já fã, sempre digo, vale cada centavo aplicado. Queria muito que alguns pais entendessem o quanto o BTS agrega, não só pelas músicas, mas pela questão cultural como um todo. O quanto as relações com os filhos se estreitam quando se compartilha dos mesmos gostos, e quando se abre a mente para o novo. “*Tenha eles como um bom exemplo de perseverança*”, sempre digo isso para a minha filha. A responsabilidade social do BTS é imensa. A maneira como eles vêm ajudando milhares de fãs ao redor do mundo é sem precedentes. Entraram em minha vida para ficar, sem fantasias, sem *delulu thoughts*, tenho-os como amigos. Amigos distantes que estavam predestinados a abrir a portinha para mim, me deixando entrar. Ah, eles jogaram a chave fora e não me deixaram sair! Serei eternamente grata, *Bangtan!*

A HISTÓRIA DA JÉSSICA

JÉSSICA ZANETTE, 28 ANOS, PARANÁ

Conheci o BTS por uma sugestão de vídeo no *Youtube*. Era final de 2015 e, na época, eu estava me formando na faculdade, então foi um período de grandes mudanças na minha vida. *DOPE* foi o primeiro vídeo do BTS que eu vi e, depois disso, só fiz pesquisar mais sobre eles. Eu sempre tive problemas com ansiedade e costumo perder a motivação muito fácil quando não tenho um objetivo palpável para alcançar. No final de 2015 eu estava perdida na vida, estava com o tal de “*me formei, e agora?*” e o desespero só tomava conta de mim. Eu me tratava com a psicóloga, mas nunca fui de me abrir realmente para as pessoas, me sentia ingrata por estar sempre triste sendo que a minha vida pode ser considerada de uma pessoa privilegiada e todos os dias eu me perguntava “qual é o seu problema, Jéssica?!”.

Depois de formada iniciei o meu mestrado em Engenharia Química. Em um dia particularmente difícil para mim, em março de 2016, assisti uma apresentação legendada de *Tomorrow* e a música parecia que tinha sido escrita para mim. Só então o BTS me fez perceber o que na verdade eu já sabia: todos temos nossos

tempos difíceis, mas devemos perseguir nossos sonhos e mesmo se estivermos fazendo uma pausa, o importante é não desistir porque o amanhã sempre chega. Desde então *Tomorrow* é o meu *motto* e *Jinaga* é meu remédio para a alma. Somente graças a Deus, aos meninos e aos meus esforços, consegui tirar meu título de Mestre sem muitos problemas e sem medicação.

Em junho de 2018, sofri um acidente de carro. Eu estava sozinha e a colisão com outro veículo fez com que o meu carro caísse em um barranco. No momento, eu estava ouvindo *Mikrokosmos* no celular. A música não parou com a colisão e isso me manteve calma para enfrentar tudo sozinha.

Sinto como se os meninos do BTS fossem grandes amigos que eu tenho à distância, eles fazem parte da minha vida, tudo que eu faço fica melhor enquanto estou ouvindo suas músicas. Sempre serei eternamente grata aos 7 por terem decidido enfrentar todos os problemas e tribulações da vida para continuarem dividindo sua arte com as pessoas que, como eu, tanto precisam. Obrigada por tudo BTS, do fundo do meu coração.

A HISTÓRIA DA NATHÂNIA

NATHÂNIA NOGUEIRA, 30 ANOS, RIO DE JANEIRO

Passei por um momento muito difícil na minha carreira em 2018. Sou professora e na época comecei a questionar se realmente era boa no que fazia, pois a escola em que eu trabalhava cobrava muito de mim. Eu me sentia sozinha demais. Quando conheci o BTS, eles estavam perto de lançar *Epiphany* e eu tive uma virada na minha vida. Eu aprendi a gostar mais de mim e entender que, sim, eu estava fazendo o meu melhor.

Quando Jin falou que não tem problema falhar porque podemos fazer melhor da próxima vez, eu me comovi muito. Nunca esperei esse tipo de incentivo de um artista que está tão longe. Parece que ele sabia o que eu passava. Eu me senti tão acolhida!

O trabalho duro dos meninos e sua história de superação me inspiraram. Eu ganhei amigas maravilhosas por causa do BTS e não me sinto mais sozinha. Hoje eu tenho um emprego melhor onde me sinto bem e sempre tento fazer tudo que posso para dar o meu melhor.

A HISTÓRIA DA NEILA

NEILA FABIANA SILVA DE JESUS, 42 ANOS, SALVADOR

A pesar de ter um marido e filhos que só me dão orgulho, eu estava em um momento em que nada estava bom. Vivia sentindo uma tristeza e, por mais que eu tentasse não sentir, era mais forte que eu. Certo dia meu filho comentou sobre BTS e sobre como as amigas dele na escola não paravam de falar sobre o grupo.

Por curiosidade, fui ver no *Youtube*. O primeiro vídeo foi o *dance practice* de NO. Os movimentos do Jimin chamaram a minha atenção. E isso foi o pontapé inicial para que eu pesquisasse mais vídeos deles para assistir. Ainda sem saber que o Jimin era um bailarino clássico, eu falei para a minha filha que os movimentos dele tinham uma leveza típica de um estilo clássico e lírico. Eu fiquei apaixonada pelo o que estava vendo e assisti mais MVs.

A dança do Jimin mexeu comigo. Eu cresci tendo como grande frustração na vida não ter sido uma bailarina. Eu sempre amei dançar desde muito nova, e ganhei vários concursos de dança de bairro. Eu sonhava em ser uma bailarina clássica. Lembro que a escola em

que eu estudava passou a oferecer aulas gratuitas de balé, mas precisávamos comprar a roupa para dançar e para as apresentações. Minha mãe não podia comprar. Foi bem triste e isso me marcou muito.

Minha mãe faleceu em 2009 e eu sempre me senti culpada por não ter ido vê-la no Natal de 2008. Ela passou mal no dia 26 de dezembro de 2008, entrou em coma e veio a falecer no dia 9 de janeiro de 2009. Na música *Lie*, o Jimin canta *Naegeseo tteona tteona ttenajwo Naegeseo tteona tteonajwo*. Pela pronúncia o que eu ouvia era "*Dona, dona, dona, dona Jô*". Dona Jô é a minha mãe. Sei que é engraçado, mas ouvir o Jimin falando "*Dona Jô*" fez eu sentir como se ele estivesse dizendo "*sua mãe quer que você seja feliz*". Isso me levou ao extremo estado de emoção e felicidade. Eu chorei muito ao ouvir essa música, e o amor que já estava plantado em meu peito floresceu e criou raízes fortes.

Eu fiquei sem entender porque após tantos dias de uma tristeza sem motivo, que estava me apagando, eu finalmente estava me sentindo leve. Eu fui conhecendo cada música e um por um dos integrantes. Eu ouvia as músicas e corria para buscar a tradução. A cada descoberta, eu sentia que aquela mensagem era direcionada para mim. Eu conheci o BTS em maio de 2019, no mês do aniversário da minha mãe. Pode não ter nada a ver uma coisa com a outra, mas gosto de pensar que foi um presente da minha mãe para mim. Ser Army faz eu me sentir especial, independente da minha idade.

A HISTÓRIA DA LIZ

LIZ CARVALHO TAVARES, 31 ANOS, SALVADOR

Eu estava passando por uma fase difícil, mentalmente falando. Estava com problemas com a minha autoestima e frequentemente me autossabotava. Um pouco antes da pandemia, eu saí do trabalho e da área profissional na qual me formei. Eu me vi num limbo e não acreditava mais em mim mesma.

Eu trabalhei com produção de eventos, sempre amei música e sinto que a música me salvou muitas vezes. O *Bangtan* me trouxe a inspiração de fazer algo novo.

Morar sozinha sempre foi um sonho para mim e, em 2020, eu consegui. Mudei de cidade e por aqui eu não conheço muitas pessoas. O BTS me traz a sensação de companhia. O primeiro concerto que assisti na casa nova foi o *MOTs:ONE* e eu fiquei muito emocionada por eles estarem celebrando comigo esse momento. Quando ouço o *Bangtan* e vejo as interações entre eles e com o *ARMY*, a sensação é de amizade, de família.

Através das músicas, dos discursos e do

entretenimento, eles me inspiram a ser inventiva, batalhar pelo que quero e me amar mais. O profissionalismo e a paixão deles pelo trabalho me trazem um senso de humanidade e humildade.

A HISTÓRIA DA NATALIA

NATALIA MOURA, 31 ANOS, SÃO PAULO

Durante toda a minha vida eu tive baixa autoestima e não acreditava que eu era importante para ninguém. Na escola, eu pensava nessas coisas e chorava muito. Eu tinha amigas que gostavam de mim, mas eu sempre me achava inferior a elas.

Quando eu tinha 25 anos, meu pai foi embora de casa e eu precisei ter uma responsabilidade enorme junto às minhas irmãs. Fiquei responsável pela casa, por dívidas e por cuidar da minha mãe. Acho que tudo isso colaborou para a minha ansiedade.

Em novembro de 2017, eu tive uma crise muito forte de ansiedade. A depressão veio junto e ficou. Eu achei que logo ia passar, mas não passou. Então, tive a iniciativa de procurar ajuda médica e comecei um tratamento com uso de remédios. Mas parecia que, ao invés de melhorar, tudo piorava. Eu, que estava há meses sem conseguir chorar, passei a acordar e dormir chorando. No trabalho, eu estava trabalhando normalmente e, do nada, precisava ir ao banheiro para chorar sem que ninguém visse. Eu tive o apoio da minha

família e dos meus amigos, mas eles não entendiam direito o que acontecia comigo. Eu mesma jamais imaginei que depressão era algo assim. Eu senti coisas que jamais imaginei sentir.

Eu me sentia constantemente agoniada e sequer conseguia ouvir música. Mas o BTS, eu conseguia. Somente o BTS. Eu escutava muito *Tomorrow*, sempre acompanhando a tradução. O Hobi canta: *"Amanhã, continue seguindo / Somos muito jovens para parar / Amanhã, abra a porta / Nós vimos coisas demais para fechá-la / Quando a noite escura passar / Uma manhã brilhante virá / Quando o amanhã chegar / A luz brilhará / Então não se preocupe / Este não é um ponto final / Mas apenas uma pausa na sua vida"*. Este trecho sempre ficou na minha cabeça e fica até hoje. Eu esperava que isso acontecesse comigo, que o amanhã chegasse e que ele fosse bom pra mim.

As músicas do BTS entravam de verdade no meu coração quando eu precisava. Também me fazia bem só ver eles conversando e sorrindo. Eu lembro de chegar em casa do trabalho às terças e ir correndo assistir ao episódio de *Run BTS!* porque era literalmente a única coisa que me fazia sorrir. Foram dois anos de tratamento e o BTS conseguia me fazer sorrir nos momentos mais difíceis. Eu os procurava para ter conforto. Então criei uma meta de ficar boa para ter a chance de ver um show deles me sentindo bem. E eu tive essa recompensa quando eles vieram em 2019. Eu não estava exatamente curada e nem sei se algum

dia vou estar. Tenho muito o que melhorar, e eles estão sempre me ajudando a ser melhor. Eu não sou religiosa nem nada, mas gosto de pensar que Deus usa as pessoas, e nesse caso, ele usou esses sete meninos que vivem lá do outro lado do mundo para me ajudar.

A HISTÓRIA DA MEIRE

MEIRE, 44 ANOS, SÃO PAULO

Eu tinha perdido meu companheiro de uma vida e me sentia sozinha mesmo tendo meus filhos comigo. Na época, minha filha estava com dificuldades de ir para a escola e eu a convencia a ir dizendo que quando ela chegasse da escola, ela poderia colocar BTS na TV. Foi assim que eu comecei a admirar aqueles 7 meninos, pelas músicas e coreografias. Fui me apaixonando por eles e ficando de boca aberta com a forma como eles trabalhavam duro em busca de um alvo, um objetivo. Me encanta que eles tenham alcançado tanta fama e continuado humildes.

Eu jamais imaginei me aventurar a ir para São Paulo porque eu nunca tinha viajado para lugar algum. O dia do show deles foi um dos melhores dias da minha vida. Ver o BTS, mesmo que de longe, me deixou muito feliz. Também nunca tinha imaginado, na minha idade, fazer minha primeira tatuagem. Hoje, eu tenho tatuado *Promise*, com o nome do Jimin logo abaixo do nome da música, e *Serendipity*. Quero fazer mais uma que represente o meu amor por todos eles. Sinto que eles me trouxeram força para continuar e luz durante uma fase difícil. Queria um dia poder agradecer a eles por

isso.

Eu me vejo daqui muitos anos sentada no sofá assistindo aos DVDs e lembrando com alegria que eu pude vivenciar e ser fã do melhor grupo de todos os tempos.

A HISTÓRIA DA FRANCINE

FRANCINE, 33 ANOS, RIO DE JANEIRO

Eu comecei a ter síndrome do pânico e depressão em 2011. Fiz tratamento e me saí bem. Mas em 2012, eu engravidei e não tive uma gestação tranquila. Estava em um relacionamento abusivo e voltei a ter depressão. Eu cheguei a ficar na UTI no pós-parto e meu marido me abandonou alguns meses após a alta hospitalar. Me vi sozinha com uma bebê, mas ainda bem que tive apoio psicológico nesse período. Levei o tratamento até 2014, quando recebi alta médica.

Em 2016, eu comecei a namorar um rapaz que morava longe, em outro estado. Nos relacionamos por dois anos, mas as coisas terminaram de forma trágica: ele foi assassinado. Eu fiquei completamente arrasada e precisei voltar ao tratamento. Acabei entrando em outro relacionamento abusivo.

Nesse período, eu conheci os meninos. As músicas deles funcionaram como um impulso para minha melhora. Eu tenho mania de buscar pela tradução das letras de músicas que não são em português. A letra de *Magic Shop* me ajudou muito a enfrentar as crises

de pânico. Eu sabia que eu era a única que poderia controlar a situação, era só eu me concentrar na minha “loja mágica”. Eu buscava lembrar da parte cantada pelo Hobi, que eu acho calma e melodiosa. Tatuei no meu antebraço *Magic Shop* e logo abaixo *Hope*, para eu sempre lembrar de ter esperança de que vai ficar tudo bem.

Quando eu saí do relacionamento abusivo, ouvir *Epiphany* me ajudou a passar por esse momento e enxergar que eu sou a pessoa mais importante no meu mundo. Eu fiz o tratamento até o final de 2017. Ano passado (2020), mesmo com todo o apoio que eu tenho hoje em dia, inclusive vindo do *ARMY*, voltei a ter crises de pânico. Mas, dessa vez, não precisei fazer uso de medicamentos – e minha psicóloga até me elogiou! Aliás, ela mesma passou a escutar as músicas do BTS por indicação minha!

Eu amo esses meninos como se fossem meus irmãozinhos. O BTS me ajuda a lembrar que tudo vai ficar bem. *Magic Shop* é minha música de cura. Eles salvam vidas e nem sabem.

A HISTÓRIA DA CRISLANE

CRISLANE REIS, 25 ANOS, SALVADOR

Antes de falar como o BTS me ajudou, eu preciso contar um pouco sobre mim. Desde os meus sete anos de idade eu percebi que as pessoas e algumas ações realizadas por elas me machucariam muito. Já sofri abusos psicológicos e físicos por pessoas que eu confiava e isso me deixou marcas profundas. Sempre me dediquei a amar profundamente, mesmo que para isso eu tivesse que ferir a mim mesma. Eu me deixava ser influenciada pelas opiniões e ordens que ditaram para mim a vida inteira, até que chegou o dia em que eu descobri que precisava ser eu mesma.

Lembro de estar em casa sozinha, triste por algo que haviam me dito e me sentindo presa dentro daquelas malditas palavras. Tentando não me deixar levar por tudo que ouvi, eu coloquei uma música no YouTube. Eu precisava me animar e música definitivamente sempre foi um remédio para mim.

Enquanto rolavam músicas automáticas, eu decidi lavar os meus cabelos porque isso também me fazia bem. Enquanto eu estava imersa entre a espuma e o som alto, uma música incrível começou a tocar. Era

uma mistura de ritmos com uma batida perfeita e pude perceber que não era um idioma conhecido por mim. Fui tomada por uma euforia e saí com o cabelo cheio de espuma, precisava ver de quem era aquela música porque com toda certeza eu iria ouvir novamente. Sequer me dei conta de que eu poderia olhar o histórico quando terminasse de lavar meu cabelo! Fui em direção ao computador e dei de cara com minha prima dançando. Ela me disse: “Ei, você está ouvindo BTS!”. Eu fiquei surpresa porque eu já tinha escutado sobre eles, afinal minha prima era fã há muito tempo e eu nunca tinha dado importância ao amor dela por eles, até escutar *Idol*.

O BTS trouxe para minha vida pessoas incríveis, principalmente minha amiga Lucimara Oliveira, que conheci através de um evento virtual sobre o BTS (I purple you, Lu). O BTS é importante para mim porque ouvir que eu deveria me amar do jeito que eu sou foi a melhor coisa que pôde acontecer na minha vida. É difícil explicar, mas a forma como o BTS passa a sua mensagem é especial. Hoje sou tão autêntica que às vezes sinto medo de ser tão eu. Não estive com o BTS desde o início e até me arrependo disso, mas hoje eu não consigo lembrar de quem eu era antes de conhecer os meninos. Eu sei que fiz uma boa escolha, só tenho que agradecer ao universo pelos 7 lindos motivos que me fazem feliz.

A HISTÓRIA DA FABIANA

FABIANA FREITAS, 35 ANOS, SÃO PAULO

Conheci os meninos de curiosa, em 2019, após os shows em São Paulo. Moro próximo ao estádio e nunca tinha visto filas chegarem até a rua em que moro. Não sabia nada sobre a música *pop* coreana, mas fiquei impressionada. Parei pra ouvir e adorei *BWL*. Mais curiosa comecei a ouvir toda a discografia e não parei. Após conhecer o trabalho deles e todas as conquistas tão novos, me inspirei e voltei a estudar inglês. Depois me inscrevi em um curso de coreano e agora, mais recentemente, estou fazendo um curso de francês. Eu sempre quis estudar línguas, mas não me sentia muito motivada. Mas hoje, eles estão lá pra não me deixar esquecer que eu posso fazer o que eu quiser se colocar todo meu empenho e foco. Eu amo os artistas que eles são e se, longe do alcance das lentes das câmeras eles são diferentes, tudo bem. São seres humanos maravilhosos independente do que não podemos ver. Minha viagem a Coreia seria em 2020, mas infelizmente a pandemia me obrigou a adiar. Mas este dia vai chegar.

A HISTÓRIA DA ISABEL

ISABEL MARTINS, 46 ANOS, SÃO PAULO

Minha filha já era *ARMY* desde 2017. Eu não dava muita atenção, mas sabia que aquilo era muito importante para ela e a ajudava em muitas questões pessoais. Foi quando, em 2019, a levei ao show. Foi o maior presente da vida dela e um momento novo pra mim. Eu amei tudo no show – o melhor que já fui! – e me encantei com os meninos. A partir daquele dia, ouvi todas as músicas deles e maratonei os demais conteúdos. Fiquei impressionada com eles.

Sempre fui uma pessoa alto astral e de bem com a vida, então os meninos me ajudaram em outras coisas. Eles me influenciaram a estudar inglês. Muitos conteúdos não tem tradução em português e eu queria muito saber o que eles estavam dizendo. Então, nessa quarentena, devido à pandemia, com mais tempo disponível, comecei a estudar. Estou adorando e aprendendo melhor do que eu imaginei que pudesse.

Além disso, amar o BTS com a minha filha fez nossa relação ser muito mais estreita, uma relação de muita amizade e companheirismo. Graças aos meus

delta noonas

meninos!

A HISTÓRIA DA GREICE

GREICE, 30 ANOS, GOIÁS

Quando conheci os meninos, eu estava passando por muitas dificuldades nos âmbitos pessoal e profissional da minha vida. Eu estava desempregada, indo a várias entrevistas de emprego, uma atrás da outra, sem ter retorno algum. Meus familiares diziam que eu não estava trabalhando por preguiça, que como eu sou formada, encontraria um emprego fácil. Na época, eu pesava 146Kg, então automaticamente associava as negativas nas entrevistas ao meu peso e me sentia julgada e culpada. Eu não me achava bonita, me sentia um lixo e meu emocional estava completamente destruído. Meu namorado (que hoje é meu marido) dizia não se importar com a minha aparência, mas mesmo assim eu não tinha confiança para ter intimidade com ele.

Um dia, por acaso, eu vi um *react* de *Dope* e o Namjoon chamou muito a minha atenção. O sorriso dele me encheu de alegria. Além disso, o *MV* era cheio de informações e cores e a música me contagiou mesmo sem eu entender o que eles estavam cantando. Depois, busquei outros *MVs* deles, sempre buscando pelo Namjoon. Eu tinha dificuldade em decorar os

nomes e os rostos dos outros integrantes e o Namjoon era quem eu logo reconhecia e me passava uma familiaridade. Mas logo busquei conhecer todos os meninos e suas histórias. Cada música que eu ouvia ia aquecendo meu coração. Suas mensagens, ideias e ensinamentos que traziam começaram a me arrancar da depressão. Eu fui absorvendo aquelas informações: me amar em primeiro lugar, respeitar as diferenças, buscar meus sonhos.

Eu costumava passar um dia inteiro deitada, sem vontade de levantar para nada. Eu estava visivelmente abatida. Entrar em contato com a arte do BTS começou a me deixar animada. Eu levantava da cama, arrumava a casa, sorria. Amando a mim mesma, eu lutei contra os pensamentos estranhos e tristes e contra a sensação de que as pessoas só pensavam coisas ruins de mim. Parei de pensar que eu não merecia estar aqui. Comecei a interagir com mais confiança.

Muita coisa mudou depois que eu passei a me amar. Tomei o controle da minha vida novamente e conquistei muitas coisas através do BTS. Por isso, eu me emociono com cada conquista deles. Fico feliz por eles como se fossem irmãos meus, crescendo e evoluindo. O que é engraçado é que eu nunca fui realmente fã de ninguém. Eles foram os primeiros e, provavelmente, serão os últimos. Com o BTS eu entendi o significado de ser fã. Sou muito grata a esses meninos. Eu torço para que tenham sucesso e sejam felizes em suas escolhas.

A HISTÓRIA DA DANA

DANA, 39 ANOS, SÃO PAULO

“Você está vendo que sua filha está se tornando uma homossexual como eles e você não está fazendo nada para impedir isso?”

Meu nome é Dana e tenho 39 anos. Minha filha me apresentou ao k-pop em 2019 mas provavelmente ela já o conhecia há mais tempo. Sua vida se resumia a ver vídeos, aprender coreografias e baixar músicas para colocar no pendrive e tocar no carro. Havia dias que eu queria pegar aquele pendrive e jogar pela janela. Eu não entendia nada daquilo, aquelas vozes estranhas, aquela linguagem desconhecida, aquele visual colorido, homens fora do padrão macho-ogro-lenhador a que eu estava acostumada. Somos de família de músicos evangélicos e ela tentou me ganhar com uma performance de *Singularity*. Aquele garoto com timbre especialmente peculiar, cantando aquele *neo-soul* delicioso me chamara a atenção. Era o seu *bias*, Taehyung. Eu nem sabia o que era isso.

Haviam pôsteres com *boyegirlgroups* por seu quarto, todos abraçados, dormindo juntos, praticamente “encoxados”, como meu marido dizia. Nada daquilo me agradava, e muito menos a ele. Lutávamos contra um dragão o qual nunca tivemos de lidar antes: a cultura *idol*, a estética do *k-pop*, totalmente diferente desse nosso pensamento ocidental. Para nós, acostumados com a religião e todos os seus costumes e barreiras, foi bem difícil assimilar tudo. Comprar aquelas revistas na banca eram uma tortura pra mim. Gastar dinheiro com minha filha *com aquilo* não me entrava na cabeça. Ela passava dias e noites em claro ouvindo aquelas músicas e assistindo àqueles garotos idiotas rindo num tal de RUN... Tinha medo de que aquilo tudo pudesse enredar seu coração a ponto dela não querer mais estudar, se socializar ou até entrar em depressão... Como eu poderia saber se aquilo que cantavam era bom para o seu coração?

Até que um dia ela precisou mudar-se de escola, pois estava indo para o 6º ano. A mudança não foi tranquila. Ela começou a ser perseguida por ser tímida, começou a sofrer *bullying*, a ter pertences roubados da mochila, e dava seus primeiros sinais de depressão, a ponto de um dia implorar para que eu a tirasse de lá, chorando dentro do carro, a um quarteirão da escola. Ali percebi que ela precisava de ajuda, e eu realmente não sabia o que fazer. Por dias ela relatava vontade de sumir, de não querer mais viver, de ser um estorvo para nós, e aquilo me deixou em pânico.

Voltando pra casa depois de um dia de trabalho, tive um lampejo. Era preciso saber o que esse tal BTS dizia. Era preciso que eu me comunicasse na sua língua de adolescente. E se eu precisava entender aquilo que ela tanto via de bom neles, agora era a hora de eu mesma descobrir e me despir de preconceitos e julgamentos.

Depois de procurar entre letras e letras, me deparei com "*Answer: Love Myself*". A canção dizia: "*você me mostrou que tenho motivos, deveria amar a mim mesmo*". "Então é sobre isso que eles cantam? É isso que falam?"... Em um tempo em que as paradas musicais exaltam a sexualização exacerbada, a cada letra de música eu ficava mais e mais chocada com tantas mensagens de amor próprio, superação, confiança, esperança e alegria. Imprimi a letra e coloquei na escrivadinha da minha filha, com uma dedicatória abaixo. Aquilo iria fazê-la se sentir melhor. E foi isso mesmo que aconteceu. Depois de ler, ela me abraçou e me agradeceu, e ali eu reafirmei o quanto nós a amávamos e o quanto ela era importante e suficiente.

Dali a alguns dias, ela já estava em outra escola, e durante nosso tempo no carro juntas, ela começou a me mostrar as músicas dos mais variados grupos. Fui me familiarizando com as vozes, os estilos, as expressões da cultura *idol*: *rap line*, *hyung line*, *maknae line*, *vocal line* e tudo o mais. Fui conhecendo os nomes de cada integrante do BTS e até um grito de guerra que

se seguia antes de cada música, um tal de *fanchant*. Um tempo depois, *Boy With Luv* estourava nas rádios e era proibido mexer no *dial* até que esse *oh my my my* acabasse. Eu não aguentava mais aquelas músicas todo santo dia, porém via naqueles momentos no carro uma maneira de estar em seu mundo, de falar sua língua, de conhecer seus anseios.

Mal sabia eu que estava me tornando uma ARMY.

Num sábado ensolarado de agosto/2019, deixei minha filha no inglês, e assim que ela entrou dentro da escola, gritou: “mãe, se você quiser trocar de música, pode tirar o pendrive, ok!”. Numa situação normal eu já estaria mudando para a estação de FM mais próxima, mas me distraí com o trânsito e deixei o pendrive tocando. Era a voz suave, aguda e marcante de Park Jimin e sua *Serendipity*. De repente, como costume de todo músico, a gente se pega analisando as partes da música: tom, estrofe, ponte, interlúdio, refrão... Enquanto dirigia, me peguei fascinada como ele desenvolvia todas essas partes de forma tão homogênea e única, que eu não sabia exatamente o que era estrofe, pré-refrão ou refrão. Sua voz foi me envolvendo naquela canção em sol suspenso e tenho certeza que fui transportada para um outro mundo. E assim, *Serendipity* tocou repetidas vezes e eu dividi vozes com Park Jimin enquanto pegava a estrada para voltar pra casa, em lágrimas.

Depois desse dia, BTS foi entrando em escala

crescente em minha vida, e me lembro de minha filha ter me mostrado que basicamente tudo estava no Twitter, e pra lá eu retornei, dez anos após ter aberto minha conta. Como o volume de informações era imenso, senti a necessidade de escrever tudo o que via e sentia nos primeiros dias, como num diário. Me vi caindo no buraco de Wings e suas teorias em plena era Persona!!! (risos envergonhados). Mas além de todo aquele apelo visual e musical, iniciei meu processo de conhecimento de quem era BTS assistindo a uma conferência que Bang Si-Hyuk coincidentemente fizera por aqueles dias, e fiquei encantada com toda a estrutura e planejamento do grupo e da empresa que o coordenava, dignos de um *case* a ser estudado na faculdade.

Mal sabia o que me aguardava no vídeo seguinte. Eram os meninos na Conferência da ONU em 2018.

O que fazia um boy group numa conferência assim?

Quando vi Kim Namjoon discursando em um inglês perfeito, dizendo em alto e bom som: “ame-se... fale por si mesmo... encontre sua voz”, ali eu entendi tudo. Realmente não era um *boy group* qualquer. Não mesmo. Nunca tinha visto algo assim. Aquele discurso era poderoso demais para ser limitado a um “grupo feito para adolescentes”.

Nos dias que se seguiram, próximo do dia 25 de agosto, vi pessoas no Twitter comemorando os três meses do show no *Allianz*. Como não fiquei sabendo

desse show? Minha filha chegou a comentar comigo a respeito? Para meu desespero, sequer me lembrava. Quando vi as fotos e lembranças na *timeline*, meu coração ardeu de saudade por algo que nem cheguei a viver. Entendi que todo dia 25 e 26 agora eram lembrados com muito carinho pelo B-ARMY, e assim escolhi o dia 21 de agosto para ser minha data oficial de início no fandom. Já era uma data que guardava com muito carinho por ser um momento muito especial para os fãs de “*X-Files*”, antiga série de TV à qual dediquei um longo período da minha juventude, então nada mais justo que eleger uma data também muito simbólica para algo que, eu pressentia, - iria passar a fazer parte da minha existência *pra sempre*.

Os meses foram passando, e minha vida sofreu uma mudança radical. Agora, todos os meus dias eram devotados ao BTS. Namjoon havia se tornado meu *bias*. A emoção que senti ao fazer meu primeiro *fanchant*, sozinha, cantando no carro e rindo que nem uma boba, vidros abertos, pessoas me olhando no trânsito. Uma paixão tão avassaladora, que até virou pauta nas sessões de terapia que vinha fazendo para reorganizar algumas ideias. Um mundo totalmente novo, que me abriu os olhos para muitas coisas que ainda não havia enxergado e que veladamente praticava: a xenofobia, o preconceito. Também me deparei com provocações e xenofobia no trabalho simplesmente por ter a foto dos “*japinhas*” na mesa. “*Será que seu marido sabe disso?*”, dizia uma colega de setor. Eu me perguntava: por que

as pessoas agiam assim? Por que simplesmente não cuidavam de suas próprias vidas sem humilhar os outros?

Mas, em meio a essa avalanche de sentimentos que era tornar-se ARMY, também encontrei felicidade, amplitude de conhecimentos, amizades com as quais nunca sonhei, maior liberdade de expressão. Saí de uma bolha de religiosidade e intolerância, mas ainda tinha que vencer a intolerância e incompreensão de meu marido.

Tivemos muitas brigas. Dezenas. Por muitas vezes, ele me acusava de “permitir que o ‘homossexualismo’ entrasse dentro de casa”. Eram humilhações das mais diversas contra minha filha, mas agora não era só sobre ela. *Era sobre mim também*. Porém eu ainda não tinha a retórica certa para rebater. Eu nunca fui de retrucar. Mas até nisso BTS me ajudou: em saber como expressar mais e melhor meus sentimentos reprimidos. Lembro que na primeira noite do MOTS ON:E, ele saiu de casa e passou a madrugada toda fora, de tanta raiva por eu simplesmente ter passado um tempo considerável tentando conectar o computador à TV para assistir ao show, o que o deixou extremamente irritado. Aos poucos fui aprendendo a lidar com seus rompantes de fúria, dizendo que era um *hobby* meu e que eu merecia respeito, assim como eu respeitava sua paixão pelo futebol. Mostrava a ele covers de músicas no Youtube, com o intuito de ganhá-lo pela musicalidade

e fazendo-o desfocar do apelo visual. Fui devagarinho mostrando as letras das músicas, explicando que não tinham nenhum caráter deplorativo ou degradante. Relatava sobre as ações sociais do ARMY em prol de várias causas, para saber sua reação.

Foi um longo processo. As amigas que conheci no Delta Noonas têm papel crucial nessa minha batalha de intolerância. Quase dois anos depois, suas atitudes foram mudando, seu linguajar preconceituoso foi diminuindo, e sempre comemoro com minhas amigas as pequenas vitórias. Hoje sou a única ARMY da casa, e ele, que anda ouvindo muito pop (vai entender!), se junta com minha filha para tirar sarro de mim pois, segundo eles, “agora só ouço BTS”. Eu rebato rindo, dizendo que não é bem assim. Mas por dentro, estou mesmo é chorando de orgulho. Porque agora amar os meninos não é mais motivo de vergonha pra mim. E porque não desisti de mim mesma, de acreditar naquilo que me faz bem, sem se preocupar com o que outras pessoas vão pensar.

A HISTÓRIA DA BRUNA

BRUNA DAHLE, 28 ANOS, PARANÁ

O BTS entrou na minha vida de uma forma inusitada. Era início de 2020, início da pandemia, e eu havia retornado para a casa dos meus pais para me proteger desse vírus que parece infundável. Em meio a altos e baixos, um dia me deparei com alguma notícia sobre eles e me chamou à atenção, pois eu nunca havia visto uma notícia em um site do Ocidente, reportando de uma forma notável o *KPOP*. Quando eu descobri esse estilo de música através de uma amiga, em 2010, ninguém sabia do que se tratava, então quando eu vi a reportagem, logo me animei, pois percebi que eles estavam finalmente, e merecidamente, dando espaço para o pop coreano que sempre foi muito bem produzido, com músicas e danças incríveis, muitas vezes dando de dez a zero em muitas músicas pop norte-americanas.

Mesmo estando afastada do *k-pop* por muito tempo, eu não resisti e resolvi pesquisar mais sobre o grupo, e qual não foi minha surpresa quando vi que minha data de aniversário batia exatamente com a de um deles. Eu sei que para alguns isso nada significa, mas para mim que sou grande fã e estudiosa

da astrologia, me instigou profundamente. Ao me aprofundar mais sobre os meninos, entrei em contato com a mesma amiga que havia me apresentado o *k-pop* dez anos atrás, e perguntei para ela mais sobre eles, as músicas, personalidades, enfim, tudo o que eu queria e precisava saber. Ela, sempre muito generosa, me deu uma aula sobre eles, mandando todos os *MVs* e contando a história de cada um. Quanto mais eu lia sobre e consumia os conteúdos que eles produziam, mais encantada eu ficava. Até que essa mesma amiga, um belo dia, sabendo do meu carinho crescente pelos meninos, me falou de um grupo de mulheres mais velhas que também gostavam de BTS e perguntou se eu gostaria de fazer parte dele. Eu, sem pensar duas vezes, disse sim.

E assim, mais uma vez, de forma inusitada, lá estava eu, me aventurando em um grupo com pessoas de todo o Brasil, as quais eu não conhecia, com exceção da minha amiga. Porém, todas ali com um único interesse em comum: BTS.

Eu não sei se consigo colocar em palavras o que o BTS me trouxe, porque foi muito mais do que eu imaginei. Eles foram muito além da música, das danças, da mega produção que é tão maravilhosa de assistir. Eles me deram um grupo incrível, de mulheres inspiradoras, que mesmo com todas as nossas diferenças, eles conseguiram unir e formar uma linda família. Uma está ali apoiando a outra em toda e qualquer situação,

no maior estilo “ninguém solta a mão de ninguém”. É um amor e carinho incomensuráveis. E sem o BTS isso jamais seria possível. Eles não estiveram ao meu lado apenas durante os desafios da pandemia, trazendo leveza, inspiração e determinação para que eu não desistisse das minhas ambições e sonhos, mas também me deram o melhor presente que eu poderia sequer ter cogitado, o Delta Noonas. Então, eu sou grata com todo o meu ser pela existência deles, por sem nem saberem, terem me ensinado e dado tanto. Mas, nada é pelo acaso, tudo tem uma razão de ser, e eu tenho certeza que vamos viver momentos ainda mais incríveis juntos. Saranghae.

A HISTÓRIA DA IRACILDA

IRACILDA CRISPIM, 54 ANOS, CEARÁ

Desde que descobri o BTS, em 2018, tudo tem um colorido em minha vida. Vejo estes meninos como algo precioso. Suas mensagens enriquecem nossos corações e alma. Sempre fui uma pessoa de bem com a vida e, quando conheci os meninos, a alegria que eles passavam cruzou com a minha forma de ver e viver a vida. O meu coração fica mais quentinho em vê-los interagir uns com os outros. O sorriso fica estampado no rosto quando a gente vê as brincadeiras deles.

Este ano de 2020 foi um ano péssimo para todos. Para mim não foi diferente. No meio do ano, eu perdi uma pessoa que eu amava muito. Também perdi meu emprego. Meu filho se separou e, meus netinhos que moravam comigo, foram morar em outra cidade.

Tudo isso me desestabilizou. Quase caí em uma tristeza profunda. O que me trazia alegria eram os meninos. Ria muito com as loucurinhas deles. Chorava muito com as emoções de cada performance. Como realmente eu queria que eles soubessem o quanto são amados, o quanto eles são importantes para o

mundo! E são um exemplo para os jovens. Amo tanto esses meninos que fui de Fortaleza, no Ceará, até São Paulo, somente para assistir ao show deles. Amo tanto esses meninos que aos 54 anos fiz uma tatuagem, em homenagem a eles.

Neste ano difícil, não sei o que seria de mim, se não fosse o BTS. Obrigada.

A HISTÓRIA DA GRAZIELLA

GRAZIELLA CARNEIRO, 39 ANOS, SÃO PAULO

“Mesmo se eu cair, me machucar, e doer, eu corro infinitamente para o meu sonho.”

(Young Forever – BTS)

Meu nome é Graziella, tenho 39 anos, e sou ARMY com muito amor. Quando a vida nos surpreende, às vezes é difícil lidar. Quando eu tinha 16 anos, perdi algo inestimável. Algo que aparentemente eu não poderia ter de volta. O que eu perdi? A minha juventude.

Apesar de estar bem ocupada cuidando de um bebê, eu ainda não tinha percebido o tamanho, a dimensão de que ter perdido o que a maioria chama de “a melhor fase da vida” me traria tantos traumas e prejuízos, principalmente emocionais. Os anos que se seguiram só foram deixando essa verdade cada vez mais nítida.

A cada ano, a frustração, a tristeza e a falta de perspectiva iam me deixando com menos vida, sem

alegria, sem graça. Aos 35 anos, eu me sentia sem vida.

Até que um dia, minha filha e amiga me trouxe uma luz bem clara vindo da Coréia do Sul. O BTS.

Gradativamente, a cada música que eu conhecia, a cada entrevista que eu assistia, esses sete seres tão graciosos foram colorindo meus dias.

Tive tanta dificuldade para encarar minha realidade, mas consegui aceitar que aqueles anos que passaram não determinam o futuro que eu ainda quero ter.

E a letra de *Young Forever* me ensinou que a juventude tem a ver com sonhos. Eu agradeço de coração ao BTS, por terem me devolvido a capacidade, o dom de voltar a sonhar.

A HISTÓRIA DA BERENICE

BERENICE AMORIM, 55 ANOS, PERNAMBUCO

Costumo comparar o efeito BTS ao *Kintsugi*, que é uma arte japonesa que recupera objetos quebrados soldando-os com uma mistura com pó de ouro. O remendo, a cicatriz, se transforma em arte. Algumas coisas têm esse poder, de consertar nossos corações partidos e nos ajudar a aceitar nossas cicatrizes. O BTS com suas músicas, sorrisos e tristezas, representa isso para mim. Conheço o grupo desde 2015 e minha admiração por eles só aumenta, sem distinção.

A VIDA CONTINUA

Quando eu decidi colocar em ação este projeto, em abril do ano passado, o Brasil somava 6.006 vidas perdidas devido à pandemia de COVID-19. Enquanto esse livro estava sendo feito, a negligência do governo ao lidar com a pandemia nos tirou mais 429.745 vidas. Hoje, em maio de 2021, já são 435.751 vidas perdidas. Começamos este livro falando sobre o discurso proferido pelo BTS na 73ª Assembleia da ONU e o chamado de Namjoon para que contássemos a nossa história. Ao escrever estas páginas finais, é impossível não questionar enquanto brasileira: que História é esta que estamos contando ao mundo e que ficará registrada na memória e nos livros?

Eu quero dizer: a vida continua. Mas quando temos 435.751 vidas perdidas, eu me pergunto: como continuar? Eu não tenho uma resposta para esta pergunta. Tudo o que eu sei neste momento é que eu, enquanto escrevo este livro, e você, enquanto o lê, estamos vivos. Nossas

vidas continuam.

Eu comecei a gostar de BTS em 2017, ano em que vivenciei o processo de perda de uma pessoa muito presente em minha vida: o meu avô materno. Ele estava com Alzheimer avançado e seus últimos meses de vida não foram nada fáceis. Nesse mesmo ano, eu fiquei desempregada. A minha depressão voltou e minhas crises de ansiedade ganharam uma intensidade enorme. Coisas simples como escovar os dentes e lavar o cabelo se tornaram tarefas muito difíceis de executar.

Nesse mesmo ano, minha irmã - que é mais velha que eu e hoje tem 33 anos - me chamou para ir com ela assistir ao show do BTS em São Paulo, da *The Wings Tour*, mas eu não quis. Era o mês de março e eu lembro que ela voltou do show querendo contar cada detalhe do que tinha vivido, mas nada daquilo me interessava. Em maio, por acaso, eu parei pra assistir à premiação da Billboard e esta foi a primeira vez em que prestei atenção nos meninos. Simpatizei com eles.

Aos poucos, percebi que um programa que minha irmã costumava assistir, chamado Run BTS!, prendia a minha atenção quando quase nada conseguia fazer isso. Mais do que isso, o

programa estava me fazendo rir. Era o início da Era *Love Yourself*. Veja só, aqueles meninos que me fizeram sorrir enquanto simplesmente brincavam entre eles, traziam em suas músicas mensagens de amor próprio.

Meu avô faleceu e, nos dias seguintes à sua morte, o mundo ousou continuar amanhecendo e anoitecendo e, para muitos de seus habitantes, o mundo continuava o mesmo. Para mim, o mundo tinha se tornado um lugar mais triste e mais vazio. Era estranho que todas aquelas pessoas estivessem vivendo suas vidas normalmente enquanto eu sentia um vazio enorme. Eu queria que o mundo exterior estivesse de luto, em consonância com o meu mundo interior.

Meu avô perdeu a mãe quando ele tinha 8 anos de idade. Aos 10 anos, ele saiu da escola porque o seu uniforme estava muito rasgado e ele passou a sentir vergonha disso. Ninguém em sua casa se importou com o fato dele ter deixado de ir à escola. No início de sua adolescência, ele decidiu ir embora de casa. Pouco tempo depois, seu irmão mais novo apareceu na porta de onde ele morava, querendo viver com ele.

Minha avó conta que quando o conheceu, ele estava descalço, pois não tinha sapatos. Meu avô aprendeu a profissão de mecânico. Com dois filhos muito pequenos (minha mãe e meu tio),

ele e minha avó saíram de uma cidade no interior do estado do Espírito Santo e vieram para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. O que meu avô sempre quis foi ter uma família. E ele conseguiu construir a dele. Deixou, além da esposa, dois filhos e cinco netos. Ele sempre se fez muito presente, de modo que morei com ele boa parte da minha vida, inclusive nos anos finais da vida dele. Era ele quem me levava e buscava na escola e foi também ele quem garantiu o meu acesso à educação. Se ele precisou parar de estudar aos 10 anos, eu me tornei professora. Ver este homem forte esquecer seu próprio nome e endereço, e então não saber mais como comer e andar, mexeu muito comigo.

Meu avô foi um grande contador de histórias. Muitas vezes, presenciei a família reunida em torno dele, enquanto ele contava histórias do cotidiano com um toque de comédia. Ele fazia todo mundo rir. Eu cresci uma boa ouvinte de histórias e carreguei o sonho de, um dia, ser também uma boa contadora de histórias. Os livros sempre foram grandes amigos para mim e eu decidi que seria escritora. Eu sei que a ideia deste livro não foi minha, mas do meu avô que existe em mim.

Estar desempregada também me fez passar por humilhações. Durante um processo seletivo,

eu ouvi da avaliadora que eu não era nada, que eu não era ninguém. O que ela não sabia era que antes mesmo de estar ali, diante dela, eu já me sentia nada, ninguém. E que minha cabeça estava invadida por pensamentos sobre desistir da minha vida. Eu estava cansada e fraca e queria que o mundo parasse de girar, pelo menos por um momento, para que eu pudesse me recompor. Mas o mundo continuava girando e girando, amanhecendo e anoitecendo, sem direito à pause.

Certo tempo após a morte do meu avô, eu vi minha avó, sentada em um banquinho no quintal de nossa casa, limpando os sapatos do vovô, arrumando-os para doação. Observando aquilo, eu lembrei de algo que ela me disse quando o meu avô ainda estava no hospital. Foi num dia em que nós duas estávamos em casa, comendo manga. A vovó começou a me contar que ela precisou passar a cortar as frutas de um modo diferente, porque ela sempre comia frutas com o meu avô e cortar a fruta do mesmo jeito de sempre a fazia lembrar que ele não estava ali para dividir a fruta com ela. Vendo a minha avó arrumando os sapatos do vovô após a morte dele me fez entender que a vida continua. E lembrar dessa fala dela enquanto o vovô ainda estava no hospital, me ajudou a descobrir como. Continuar tratava-se de descobrir um modo diferente de

cortar a fruta.

Em maio de 2019, eu fui ao show do BTS com a minha irmã, agora pela Tour *Love Yourself: Speak Yourself*. Ali estavam aqueles sete rapazes que me arrancaram sorrisos em um ano difícil como 2017 e, mais uma vez, eles iam me fazer feliz. Extasiada com o que eu tinha acabado de viver, enquanto observava os fogos de artifício ao final do evento, eu, que já quis desistir da minha vida, pensei: que bom que eu vivi pra ver isso!

Que bom que eu continuo aqui e que bom que o mundo teve a audácia de continuar girando e girando, amanhecendo e anoitecendo, pois foi isto que me levou até o show dos meninos e foi isto também que me trouxe até o final deste projeto que é o livro *Amor e Voz: Histórias de ARMYs brasileiras*, um projeto que me colocou em contato com histórias de vida de mulheres diversas desse país imenso. A verdade é que o mundo ousa continuar amanhecendo e anoitecendo para que cada um de nós construa a sua história, como o meu avô construiu a dele.

Algo que o Namjoon disse na ocasião deste show de 2019 ficou muito marcado na memória do ARMY do Brasil. Ele disse que sempre lembraria do nosso horário. Nossos horários são opostos. Quando aqui no Brasil são três horas da manhã, na Coreia do Sul são três horas da

tarde. Quando aqui está anoitecendo, lá está amanhecendo. Sempre há luz em algum lugar. A vida continua.

GABRIELA REIS, 31 ANOS, RIO DE JANEIRO.

SOBRE O PROJETO

O que é a Delta Noonas?

A Delta Noonas é uma comunidade voltada para interação entre ARMYs, sobretudo ARMYs com mais de trinta anos. Existente nas principais redes sociais, a DN busca realizar dinâmicas em torno do trabalho do BTS, que possibilitem ao fandom se divertir e se conhecer melhor.

Como foi feito o livro Amor e Voz - Histórias de ARMYs brasileiras?

O livro surgiu da vontade de conversarmos sobre a diversidade do fandom, trazendo à luz uma parcela do ARMY que não costuma aparecer na grande mídia quando se fala em fãs de BTS. Nosso objetivo é a troca de histórias entre mulheres adultas que tiveram suas vidas de alguma forma modificadas pelo BTS e pelas mensagens de amor próprio que o grupo propaga, mostrando que a arte salva vidas e que não há

idade para ser feliz.

O projeto foi divulgado através das páginas da Delta Noonas. As mulheres que se identificassem podiam preencher um formulário online no qual nos contavam suas histórias e concordavam em ter seus depoimentos tornados públicos. Nós selecionamos as histórias que continham mais informações e buscamos algumas depoentes para entrevistá-las a fim de enriquecer o relato.

O livro feito de forma 100% voluntário e disponibilizado gratuitamente. Além disso, o livro foi todo feito por ARMYS pois era uma preocupação nossa que cada página desse livro tivesse o amor do ARMY.

Esperamos que você tenha sentido esse amor.

Encontre o seu amor e a sua voz,

Equipe Delta.

GOSTOU DO LIVRO?

A Delta Noonas não possui um grande alcance. Por isso, contamos com você para nos ajudar a divulgá-lo e chegar a mais pessoas.

Temos três grandes objetivos:

- alcançar o ARMY de todo o mundo, para que nunca esqueçam que a vida continua;

- alcançar pessoas de fora do fandom, para romper preconceitos;

- e alcançar o BTS, para que eles tenham conhecimento dessas histórias de vida das quais fazem parte.

Use a hashtag #AMOREVOZ, recomende a leitura à outras pessoas, fale sobre o livro no Weverse! Qualquer divulgação é uma grande ajuda!

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres incríveis que foram parte deste projeto poderoso de trocar vivências, cujos nomes constam abaixo: MUITO OBRIGADA!

Alessandra Damaceno

Ana Paula Martins

Angelina Bhur Chaves

Antonilza Silva

Any Graziely

Berenice Amorim

Branca Estulano

Bruna Silva da Cunha

Carmen Monzerrath

Carolina Krzesinski

Caroline Anjos

delta noonas

Caroline Basseto

Cícera Ribeiro

Claudia Brisolla

Clarissa Limao

Crislane Reis

Daiane Moreira

Daniele Garcia

Dulci

Elaine Barros

Fabiana Freitas

Fernanda Checchetti

Fernanda Pinheiro

Flavia Furtado

Francilene da Silva

Francine Alves

Gabriela Campello

Gabriela Reis

Graziella Carneiro

Greice Furtado

Hyn

delta noonas

Inês Fraga

Iracilda Crispim

Isabel Martins

Jesiele Silva

Jéssica Zanette

Juliana Ferreira

Juliana Reis

Juliana Rocha

Joziely Brito

Karlla Meskytta

Lidiane de Oliveira

Lily Lopes

Livia Rolim Fava

Liz Tavares

Luanda Ribeiro

Luciana Carvalho

Lucimara Oliveira

Maria Fernanda Leme

Mariana Freitas

Meire Ellen Taver

delta noonas

Michelle de Medeiros

Miki Santos

Natalia Moura

Nathânia Nogueira

Neila Fabiana Silva

Mônica Maria

Patricia Alves

Priscila Godoy

Priscila Rinco

Priscilla Clemente

Ramona Gonçalves

Roberta Meireles

Rosana Santos

Sabrina Alves

Sandra Marcela dos Santos

Sandra Moraes

Sofia Gomes

Tathyanne Dias

Tessia Santos

Thais Duarte

delta noonas

Thais Leal

Ticiana Roque

Valquíria Bento

Vanderly Aparecida